



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Maria Vitória Schizzi Tiepo

**Cidade-corpo:** A arte teatral que a habita

Florianópolis/SC

2023

Maria Vitória Schizzi Tiepo

**Cidade-corpo: A arte teatral que a habita**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Andréa Vieira Zanella, Dr.<sup>a</sup>

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Marina Corbetta Benedet, Dr.<sup>a</sup>

Florianópolis/SC

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Tiepo, Maria Vitória Schizzi  
Cidade-corpo : A arte teatral que a habita / Maria  
Vitória Schizzi Tiepo ; orientador, Andréa Vieira Zanella,  
2023.  
92 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa  
de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Psicologia. 2. Teatro. 3. Corpo. 4. Cidade. I.  
Zanella, Andréa Vieira. II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III.  
Titulo.

Maria Vitória Schizzi Tiepo

**Cidade-corpo: A arte teatral que a habita**

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 10 de março de 2023,  
pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof<sup>ª</sup>. Andréa Vieira Zanella, Dr<sup>ª</sup>.

PPGP UFSC

Prof<sup>ª</sup>. Marina Corbetta Benedet, Dra<sup>ª</sup>.

UNIVALI

Prof<sup>ª</sup>. Fátima Costa de Lima, Dra<sup>ª</sup>

UDESC

Prof<sup>º</sup>. Kátia Maheirie

PPGP UFSC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado  
adequado para obtenção do título de Mestra em Psicologia.

---

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

---

Prof<sup>ª</sup>. Andréa Vieira Zanella, Dr<sup>ª</sup>.

Orientadora

Florianópolis, 2023

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela oportunidade de estar viva, nem tão firme e nem tão forte para realizar um dos meus sonhos, mas conseguindo seguir em frente.

À minha amada Paula que está comigo desde que o desejo foi brotado. Foi meu amparo emocional em tantos períodos em que precisei de seu colo, suas palavras e seu abraço. Sempre dizendo “você consegue, você é a mulher mais inteligente do mundo. Eu confio em você e estarei sempre aqui”. Sem ti esse caminho teria sido muito mais penoso. Obrigada por estar em minha vida.

A meus pais, Kika e Tiepo, os alicerces da nossa família. Obrigada, minha querida mãe, pelos acolhimentos via telefone, pelo olhar de incentivo, pelas lágrimas de felicidade em comemoração às minhas conquistas, por abrir caminhos para que eu chegasse onde estou. Obrigada, meu querido pai, pelas risadas e comilanças nos finais de semana em que vocês vinham de Chapecó, o churrasco de domingo, as brincadeiras que davam gás para mais uma semana. A saudade de vocês é enorme, contudo, sempre dão um jeito de fazer com que ela fique um pouquinho menor...

Nina, Gabi e Pedro, vocês sempre acreditaram em mim. E isso por si só basta. Estando junto de vocês a vida fica mais leve.

À minha querida orientadora Andréa V. Zanella, agradeço a oportunidade de tanto aprendizado. Foi guiando-me através de conversas, orientações e literaturas para caminhos outros de pesquisa; possibilitando-me explorar e encontrar a Maria pesquisadora que hoje em mim habita.

À professora Marina, minha confidente e coorientadora. Bastou uma conversa para que o medo e a angústia de seguir em frente se tornassem mais chama e pulsão de vida. Além de professora, você sempre foi exemplo de pessoa, mulher e artista. Te tenho em meu coração.

À professora Kátia Maheirie e professora Fátima de Lima que estiverem na banca de qualificação deste projeto, propondo dicas, leituras e outros horizontes de partilha.

Aos meus amigos e colegas de mestrado, agradeço pelas trocas, jantãs e risadas que compartilhamos. Em especial, à minha amiga Camila Bortolini, que esteve sempre presente para escutar e acolher meus devaneios e algumas (milhares) de angústias.

Aos amigos da vida, do trabalho e do teatro, que tanto me ouviram sobre essa pesquisa: sempre me instigando, questionando, sendo fortaleza e abrigo durante os dias corridos da vida cotidiana. Obrigada por não desistirem de mim depois de tantos não para baladinhas...

Por fim, agradeço a mim mesma pela capacidade de resiliência, coragem e luta. Hoje, sou uma mulher muito mais forte, composta por tantos outros corpos que por mim passaram. Alguns ainda me habitam, outros já foram embora. Mas as marcas ficaram...

## RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar de que modo os grupos de teatro de Itajaí/SC vem constituindo o corpo da cidade. Foi desenvolvido um mapeamento dos grupos de teatro da cidade para a escolha das companhias que seriam minhas interlocutoras, partindo dos seguintes critérios de inclusão: há quanto tempo estão na urbe; se ainda permanecem ativas e quantas edições dos festivais de Teatro “Itajaí em Cartaz” e “Toni Cunha” participaram. Posteriormente, foi feita uma flânerie, na perspectiva benjaminiana, em busca das políticas culturais da urbe e seus movimentos artísticos. Concluindo, foram realizadas entrevistas sob a perspectiva cartográfica com 3 companhias de teatro da cidade, resgatando memórias e tecendo discussões sobre a trama: cidade, teatro e corpo. Os resultados são apresentados em 3 artigos, os quais respondem aos objetivos específicos da pesquisa. O primeiro artigo apresenta uma discussão a respeito da cidade de Itajaí e suas políticas culturais; o segundo, as marcas deixadas pelos festivais de teatro na cidade de Itajaí, e o terceiro, uma análise do modo como artistas integrantes de 3 companhias de teatro da cidade de Itajaí compreendem as relações do teatro com a cidade. Os resultados desta pesquisa apontam certo apagamento da história artística do município, considerando a dificuldade em encontrar documentos a respeito dos festivais municipais e das políticas de defesa à cultura. Ademais, foi possível visualizar o quanto a história artística da cidade está amalgamada com a história dos artistas e das companhias locais. Como conclusão, constata-se que a arte teatral na cidade está viva, porém acaba sendo emudecida pelo frenesi cotidiano e pelo descaso das políticas públicas de acesso à cultura.

**Palavras-chave:** teatro; corpo; cidade.

## ABSTRACT

The general objective of this research is to analyze how the theater groups of Itajaí/SC have been constituting the body of the city. A mapping of the city's theater groups was developed to choose the companies that would be my interlocutors, based on the following inclusion criteria: how long have they been in the city; whether it is still active and how many editions of the theater festivals “Itajaí em Cartaz” and “Toni Cunha” participated. After that, a flânerie was made in the Benjaminian perspective, in search of the cultural policies of the city and its artistic movements. In conclusion, interviews were carried out from a cartographic perspective with 3 theater companies in the city, rescuing memories and weaving discussions about the plot: city, theater and body. The results are presented in 3 articles, which respond to the specific objectives of the research. The first article presents a discussion about the city of Itajaí and its cultural policies; the second, the marks left by Theater Festivals in the city of Itajaí, and the third, an analysis of how artists from 3 theater companies in the city of Itajaí understand the relationship between theater and the city. The results of this research point to a certain erasure of the artistic history of the municipality, since it was difficult to find documents about municipal festivals and policies to defend culture. Furthermore, it was possible to visualize how much the artistic history of the city is amalgamated with the history of local artists and companies. As we conclude, it appears that theatrical art in the city is alive, but ends up being muted by the daily frenzy and by the disregard for public policies for access to culture.

**Keywords:** theater; body; city.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da cidade de Itajaí.....	21
Figura 2 – Casa da Cultura Dide Brandão, Itajaí/SC.....	29
Figura 3 – Teatro Municipal, Itajaí/SC.....	30
Figura 4 – Cronograma do “I Festival Brasileiro de Teatro de Itajaí” .....	49

## SUMÁRIO

<b>1 Apresentação.....</b>	<b>11</b>
<b>2 Introdução.....</b>	<b>13</b>
<b>3 Percurso metodológico.....</b>	<b>16</b>
<b>Artigo 1 – A cidade e a arte na cidade: breve resgate histórico-afetivo da arte na cidade de Itajaí/SC.....</b>	<b>19</b>
<b>Artigo 2 – O que produzem os Festivais de Teatro no corpo da cidade de Itajaí/SC?.....</b>	<b>41</b>
<b>Artigo 3 – Cidade-Corpo: A arte teatral que a habita.....</b>	<b>58</b>
<b>4 Considerações Finais .....</b>	<b>77</b>
<b>Referências gerais.....</b>	<b>79</b>
<b>Anexo A – Roteiro de Entrevista.....</b>	<b>80</b>
<b>Anexo B – TCLE .....</b>	<b>81</b>
<b>Anexo C – Mapeamento dos grupos de teatro de Itajaí/SC.....</b>	<b>86</b>
<b>Anexo D – Participação dos grupos de teatro no Festival Itajaí em Cartaz.....</b>	<b>98</b>
<b>Anexo E – Participação dos grupos de teatro no Festival Toni Cunha.....</b>	<b>89</b>

## 1 Apresentação

A maior riqueza do homem é sua incompletude. Nesse ponto sou abastado. Palavras que me aceitam como sou — eu não aceito. Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc. Perdoai. Mas eu preciso ser Outros. Eu penso renovar o homem usando borboletas.

(Manoel de Barros)

Quando descobri a poesia, percebi que poderia enxergar o mundo com outros olhos. A escrita, seja através do papel e do lápis, ou do teclado, sempre me acompanhou. Ter como companhia palavras e livros despertou-me o desejo de estar aqui na condição de pesquisadora. Porém, para além de pesquisadora, parto também da condição de artista que me possibilita ser Outros, como trazido pelo poeta Manoel de Barros na epígrafe.

Pisar no palco pela primeira vez é uma sensação curiosa. Enquanto digito<sup>1</sup>, revisito essa memória guardada em meu corpo, a qual ainda reverbera quando lembrada. Eu era pequena quando conheci o teatro, tinha entre 9,10 anos de idade, mal sabia “o que queria da vida”, mas já sabia que não era somente sentada numa cadeira de sala de aula que eu gostaria de estar. Meu corpo queria mais, pedia por movimento. Foi na Escola de Artes de Chapecó/Santa Catarina que descobri um dos meus maiores amores: o teatro. Ali eu pisei no palco algumas vezes, ainda nova, me apresentando, junto às colegas do curso, para pais, outros familiares e a comunidade chapecoense. Durante a manhã permanecia sentada na cadeira da sala de aula e durante a tarde corria, pulava, gritava, performava em outro espaço. Meu percurso com a arte, em específico com a arte teatral, iniciou ali, no instante em que percebi o quanto meu corpo poderia voar sem tirar os pés do chão. Surpresa fiquei ao entender que o que antes era até então visto como braço, perna, joelho, costas e pés, na verdade, poderiam vir a se configurar como válvulas que produzem movimentos e conexões com o outro e consigo mesmo. Através dessas conexões,

---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa há alternância entre a 1ª pessoa do singular e a 1ª pessoa do plural. Justifica-se essa escolha pelo fato de que, embora tenha sido a escrita construída coletivamente, a experiência da primeira autora foi fundamental para seu desenvolvimento.

narrativas, dramaturgias e performances são criadas, deixando marcas e registros por onde passam.

Redijo este texto da cidade de Itajaí, aos 26 anos, esmiuçando o passado que ainda se faz tão presente. Quando cheguei, lá pelos 20 anos, me vi como estrangeira. Habitar cidade portuária e ocupar territórios outros de existência interpelou-me, assim como a primeira vez em que fiquei defronte ao palco. Durante a graduação em psicologia, havia muito desejo de partilha entre arte e psicologia. Para sustentá-lo desenvolvi o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre teatro e processos de subjetivação, tendo como ponto de partida a própria cidade. Nesta pesquisa, trabalhei com uma companhia de teatro local, a Téspis, com a qual tive encontros generosos e mobilizações abarcadas pelas histórias dos artistas, os festivais da urbe, espetáculos, ensaios, discussões teóricas e memórias afetivas que foram trazidas ao longo das conversas. Interpelada pela pesquisa realizada, esse foi um período crucial para que o desejo do mestrado criasse potência, impulsionando-me a ir além.

Percorri outro trajeto durante dois anos antes de ingressar no mestrado: fiz a Residência Multiprofissional em Atenção Básica e Saúde da Família. Através da experiência profissional na saúde pública, descobri o meu grande amor em trabalhar no SUS, lutando diariamente pelos direitos dos usuários e por uma saúde pública de qualidade para todos. Finalizando o ciclo da residência, fui aprovada no mestrado que teve início em maio de 2021. O desejo já estava posto há algum tempo, mas ele saiu do plano do imaginário e veio para o real; iniciaram-se as aulas, as trocas entre colegas, as leituras, os cruzamentos teóricos, os pernoites de trabalho, enfim, a constituição deste meu novo corpo na pós-graduação. Uma trajetória que ganhou formato e se materializou em minha vida, tecendo reflexões e explorando caminhos sobre a trama que costura a minha história: corpo, cidade e teatro.

## 2 Introdução

Corpo-cidade-teatro: que corpo, que cidade e que teatro? Do que tratam tais conceitos, tramados nesta pesquisa? Esta escrita apresenta a pesquisa que resulta em uma dissertação de mestrado, cujos resultados encontram-se organizados em 3 artigos: o primeiro traz uma discussão sobre a cidade de Itajaí e suas políticas culturais; o segundo, sobre os Festivais de Teatro da cidade de Itajaí e o terceiro, uma análise da relação de artistas integrantes de companhias teatrais de Itajaí com a cidade.

A pesquisa foi iniciada no ano de 2021, em meio à pandemia de Covid-19. A doença causada pelo coronavírus, SARS-CoV-2, foi identificada em dezembro de 2019 e, em janeiro do ano seguinte, 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) emitiu uma declaração de que se iniciava uma epidemia, considerando a COVID-19 uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (OLIVEIRA *et al.*, 2020). Em decorrência, foram instaurados procedimentos de segurança para evitar a contaminação pelo vírus e reduzir a taxa de mortalidade por conta da doença: a higienização das mãos com água, sabão e/ou álcool em gel; utilização da máscara respiratória; distanciamento social e ventilação dos ambientes (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

Em função desse acontecimento, que gerou uma mobilização mundial, novos arranjos sociais surgiram, outros tiveram que ser adaptados. Palú, Schutz e Mayer (2020, p. 108) relatam que, com a pandemia, "a educação teve que se reinventar, amoldar-se e aperfeiçoar-se a uma nova cultura, baseada no 'informacional', num mundo conectado em redes". Foi justamente através da plataforma online que realizei meus estudos de pós-graduação. Minha dissertação de mestrado foi pensada, elaborada e desenvolvida a partir desse cenário.

Pensar na cidade como um espaço polifônico (CANEVACCI, 2004) ou como um território complexo, emaranhado por teias sociais e histórias de vida, nos possibilita a compreensão de que tudo que ali passa, transita ou habita, deixa registros e marcas. No entrecruzamento entre vozes e corporeidades, a cidade se transforma diariamente, seja nos grandes centros ou nos cantos mais afastados. Se, por um lado, existe um movimento de massificação da vida cotidiana, gerando uma tendência de homogeneização universalizante do sujeito, por outro lado, existem práticas de resistência que reforçam a heterogeneidade social. Podemos dizer que a arte é uma das práticas que possibilita o processo de singularização e de resistência do sujeito às tentativas de massificações sociais. Guattari e Rolnik (1996) discorrem sobre o processo de singularização como uma relação do sujeito com a expressão e com novas formas de criação, sendo “os pontos de singularidade, os processos de singularização, as

próprias raízes produtivas da subjetividade em sua pluralidade” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.52).

Nesse sentido, a cidade e seus territórios frutificam modos de vida e identidades (SANTOS, 2005); neles, se apresentam fronteiras sociais, campos de resistência, centros urbanos e itinerários que vão sendo cartografados no tecido cidadão. Na produção do espaço urbano, o trânsito cotidiano deixa rastros e restos; partilhas de corpos outros que, ao encontro com o corpo-cidade, criam-se destinos, portas e possibilidades de vida. O movimento artístico é um dos dispositivos que media a relação entre o corpo da cidade e o corpo de quem por ela passa; além disso, ele próprio é habitante deste corpo em um processo dialético.

Por assim dizer, a arte que se faz presente na urbe revela passos dos artistas que a habitam ou dos que já estiveram por ali de passagem. E não somente de marcas visuais esses registros são feitos: inscrições afetivas, simbólicas e subjetivas são encontradas no mapa da urbe. Retorno ao substantivo mapa e o troco por corpo, pois, nesta pesquisa, a cidade é compreendida dessa forma; resgatar a cidade como corpo dessas expressões artísticas teatrais me provoca a pensar nas narrativas de vida que ali se entrecruzam; nas camadas sociais que vão sendo amalgamadas ao tecido urbano; nas experiências produzidas a partir dos encontros entre artistas e público, entre territórios e moradores; nos processos de subjetivação ininterruptos que se registram no corpo-cidade e no corpo-artista.

Parto da ideia de corpo enquanto acontecimento de vida; espaço, superfície em que inscrições vão sendo feitas à medida que relações e experiências de vida se criam. Um corpo marcado por valores sociais, regimes políticos, jogos de poder, tensionamentos históricos, tecnologias, estratégias de controle e dispositivos de resistência (FOUCAULT, 1999a). Logo, o teatro, enquanto habitante desse corpo-cidade, manifesta-se através de fluxos e intensidades, deixa rastros e registros, cria fissuras e composições que dão passagem para o novo.

Perscrutando a cidade e a arte que a habita, podemos olhar os cenários possíveis de contra hegemonia que o movimento artístico cria, produzindo ecos que se refletem pelas ruas e paisagens urbanas. No ponto de ônibus, nos prédios centrais, nas paredes de edificações, nos contornos das ruas, em tantos espaços públicos que são os nossos locais de passagem, de acontecimentos ou de permanência, mas que a arte ocupa fortemente como um ato de resistência (DELEUZE, 1999).

A obra de arte não é um instrumento de comunicação. A obra de arte não tem nada a ver com a comunicação. A obra de arte não contém, estritamente, a mínima informação. Em compensação, existe uma afinidade fundamental entre a obra de arte e o ato de resistência. Isto sim. Ela tem algo a ver com a informação e a comunicação a título de ato de resistência (DELEUZE, 1999, p. 13).

E, assim, a cidade vai se constituindo como corpo, por sua paisagem visual e sonora composta por uma multitude de expressões estéticas que coexistem e transgridem discursos de opressão. Elas ganham espaço nos micros lugares do cotidiano, recriando-os, modificando sujeitos, sendo vistas como uma criação do humano, como um recorte de tempos e espaços, do que é visível e do que é silenciado. É, por conseguinte, uma forma de experiência política, sendo assim, uma linguagem: a arte dialoga com a cidade, com seus habitantes e turistas que a visitam; é polifônica e polissêmica, pois variadas vozes sociais a conformam e estão presentes em diversos discursos (ZANELLA *et al.*, 2012); é dinâmica, mutável, flutuante e fluida; comunica, se faz suporte para sentidos, produzindo lugares de calor entre os moradores daquele espaço (RANCIÈRE, 2015).

Considerando a cidade sob essa perspectiva e buscando tecer linhas de discussão entre cidade, teatro e corpo, esta pesquisa foi uma pesquisa cartográfica, tendo como interlocutores os grupos de teatro da cidade de Itajaí, Santa Catarina. Sua proposição deriva do desejo de analisar as formas de transversalização do corpo artístico com o cenário macropolítico urbano, corpos estes inscritos pela historicidade de um município, território, localidade. Essa história, por sua vez, é transversalizada pelas linhas de uma cultura capitalística<sup>2</sup>, que é local, mas também global, produzindo subjetividades outras. Assim, partindo da realidade posta em que o sujeito é submetido a todo instante a uma axiomática corrente estética de opressão, pode ser também pelo fazer artístico que novos agenciamentos de vida são gerados (FOUCAULT, 1999b). A pesquisa realizada busca perscrutar justamente alguns desses fazeres e seus efeitos.

---

<sup>2</sup> Conceito pensado por Félix Guattari e discorrido no livro “Micropolítica: Cartografias do desejo” (1996), junto a autora Suely Rolnik, que diz respeito às sociedades de “terceiro mundo” e suas culturas de massificação sociais, às sujeições de subjetividade e às práticas de controle de corpos.

### 3 Percurso metodológico

Eu quero desaprender para aprender de novo.

Raspar as tintas com que me pintaram.

Desencaixotar emoções, recuperar sentidos.

(Rubem Alves)

Traduzir em palavras aquilo que reverbera dentro de mim é difícil. Ao passo em que aprendo a escrever uma pesquisa, também desaprendo. Se outrora existia um caminho teórico, metodológico e funcional sobre como pesquisar, acabei me desfazendo dele e, passeando por diversos outros, fui aprendendo nesses últimos dois anos. E acho que foi justamente isso, desaprender para aprender de novo, que me possibilitou desenvolver esta pesquisa. Poderia chegar nesse tópico e redigir, logo na abertura, quais foram os passos, os instrumentos utilizados, as leituras em que mergulhei, os teóricos com os quais dialoguei. Mas prefiro digitar, inicialmente, como desaprendi a olhar para as coisas e (re)aprendi, ao longo dos meses. Acredito que isso também seja um caminho metodológico.

A pesquisa partiu de um desejo imensurável de realizar mestrado em Psicologia. Durante a graduação foram noites e dias estudando sobre arte e processos de criação, na busca de compreender como meu corpo de artista e estudante de psicologia poderia criar algo que pudesse ser colocado no papel e tomasse corpo enquanto pesquisa.

Em dezembro de 2020, fui aprovada no programa de pós-graduação de Psicologia, tendo como orientadora a professora e mestra Andréa Vieira Zanella. Hoje, em janeiro de 2023, retomo as memórias dos últimos dois anos de partilha e orientações, que geraram muitas fissuras no meu corpo. Nesse processo, andei por caminhos diversos pelos quais ainda não tinha adentrado; explorei sensações até então desconhecidas e tive que lidar com algumas frustrações. Oliveira (1996) discorre que nosso olhar, escrita e escuta, enquanto pesquisadora, já está, de certa forma, domesticado e disciplinado pela academia. Portanto, na tentativa de romper com estruturas previamente elaboradas, a tentativa foi (e continua sendo) de justamente tornar-se vulnerável para sentidos outros; deixar com que meu corpo pudesse experienciar para além de investigar.

À medida que fui compreendendo esse deslocamento de uma pesquisadora para, de fato, um corpo em pesquisa, desenvolvi um projeto cujo objetivo geral foi analisar de que modo os grupos de teatro de Itajaí/SC vêm constituindo o corpo da cidade. Como objetivos específicos, cartografar os grupos teatrais sediados em Itajaí/SC com efetiva participação nos festivais de teatro da cidade; analisar o modo como artistas integrantes desses grupos teatrais

profissionais de Itajaí se relacionam com a cidade e compreender de que modo se afetam e entretecem o corpo da cidade e o corpo dos grupos teatrais com efetiva participação nos festivais de teatro municipais.

Foi através da cartografia que olhei para o meu campo de pesquisa, utilizando-a como ferramenta metodológica na perscrutação de trajetos desconhecidos, o que me permitiu adotar uma postura de experimentação. Como pesquisa-intervenção, a cartografia explora territórios existenciais e acompanha processos de singularizações, mapeando linhas, afetos e relações. Nesse sentido, resgato a ideia de rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995) para discutir sobre a trama cidade, teatro e corpo, visto que os três conceitos estão entretecidos e emaranhados. São compostos por linhas, escoamentos, vibrações, fluxos e segmentaridades, sem haver a possibilidade de distinguir início e fim, tampouco núcleo, ponto central ou matriz. “Num rizoma entra-se por qualquer lado, cada ponto se conecta com qualquer outro, não há um centro, nem uma unidade presumida – em suma, o rizoma é multiplicidade” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 04).

Os resultados são apresentados em 3 artigos, cada qual tendo como norte um dos objetivos específicos. O primeiro artigo nomeado por “A cidade e a cultura na cidade: um breve resgate histórico-afetivo sobre a cultura na cidade de Itajaí”, traz uma discussão sobre a cidade de Itajaí e suas políticas culturais; o segundo, cujo título é “O que produzem os Festivais de Teatro no corpo da cidade de Itajaí?”, discorre sobre os festivais de teatro da cidade de Itajaí; e o terceiro, “Cidade-Corpo: A arte teatral que a habita”, empreende uma análise do modo como artistas integrantes de 3 companhias de teatro da cidade de Itajaí compreendem as relações do teatro com a cidade.

O primeiro artigo teve como objetivo compreender de que forma a cultura artística se inscreve e se produz na cidade de Itajaí, partindo de uma pesquisa documental sob a perspectiva do flâneur benjaminiano. Biondillo (2014, p. 8) discorre que:

o flâneur benjaminiano é, dessa forma, uma figura limiarística, pois tem acesso ao passado histórico – que se forma não só com as ações como também com os sonhos não realizados de nossos antepassados – e simultaneamente participa da construção do presente.

A pesquisa documental desenvolvida no primeiro artigo esmiúça aquilo que ficou como registro aberto, ou engavetado, mas que ecoa pelas ruas e esquinas da urbe. Mesmo que em fragmentos, a história da cidade revela suas feridas, suas marcas e quem as deixou, despontando no aqui e agora da vida cotidiana.

No segundo artigo, analisei as produções dos festivais de teatro “Itajaí em Cartaz” e “Toni Cunha” no corpo da cidade, tendo como fonte de informações documentos públicos do município encontrados em arquivos oficiais e extraoficiais, além de entrevista realizada com Valentim Schmoeler, ator, diretor, produtor cultural e referência na cidade. Fui ao encontro desses documentos através de pesquisas no Arquivo Público da cidade, na Casa Lins-Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí; em páginas online oficiais do Município; no Jornal local “Diarinho” e “O Município”, em blogs alimentados pelos/as artistas Itajaienses e no próprio arquivo físico do Teatro Municipal).

A somar aos dois primeiros, o terceiro artigo analisou o modo como artistas integrantes de 3 companhias de teatro da cidade de Itajaí, Santa Catarina, compreendem as relações do teatro com a cidade. Para desenvolvê-lo, percorri por três momentos: em um primeiro foi realizado o mapeamento dos grupos de teatro de Itajaí, identificando todas as companhias de teatro que nasceram na cidade; há quanto tempo; se ainda permanecem na ativa e as edições dos festivais de teatro “Itajaí em Cartaz e “Toni Cunha” em que participaram. Em seguida, procedeu-se à escolha das companhias participantes da pesquisa, seguindo como critérios de inclusão: ao menos 10 anos de atuação; participação em 5 edições ou mais em ao menos um dos festivais de teatro municipais. Após a escolha dos grupos, realizei entrevistas em uma perspectiva cartográfica benjaminiana, as quais compreenderam 3 eixos de discussão: teatro, cidade e corpo, com algumas perguntas<sup>3</sup> norteadoras. Além da dissertação, também estou desenvolvendo um documentário a partir das entrevistas realizadas que tem por objetivo divulgar, ainda mais, a cena artística teatral da cidade de Itajaí. Por fim, esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Com Seres Humanos (CEPSH), sob nº 53897421.0.0000.0121, e todos os participantes receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que consta em anexo<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Ver roteiro no Anexo A.

<sup>4</sup> Ver anexo B.

## ARTIGO 1

### **A cidade e a arte na cidade: breve resgate histórico-afetivo da arte na cidade de Itajaí/SC**

#### RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi compreender de que forma a cultura artística se inscreve e se produz na cidade de Itajaí. Foram considerados como fonte de informações documentos públicos da cidade, localizados em arquivos oficiais e extraoficiais. Partiu-se, nas análises, de uma perspectiva do flâneur benjaminiano, resgatando as políticas culturais da cidade e os movimentos artísticos que acontecem em seus diferentes territórios. Como trama analítica, as discussões foram desenvolvidas tendo como referência três conceitos que se entrecruzam ao longo da escrita: cidade, arte e corpo. Os resultados evidenciam que os lugares enfatizados como turísticos, localizados nas áreas centrais e perto de centros comerciais, são privilegiados em relação às políticas culturais da cidade. Ainda que alguns programas proporcionem a difusão de oficinas artísticas para outros lugares distantes da região central, conclui-se que Itajaí, apesar de apresentar uma cena artística cultural pujante, mantém vivas arestas de marginalização ao acesso artístico-cultural.

**Palavras-chave:** cidade; arte; corpo; pesquisa documental.

**The city and art in the city:  
a brief historic-affective rescue of art in the city of Itajaí/SC**

**ABSTRACT**

The objective of this research was to understand how artistic culture is inscribed and produced in the city of Itajaí and public documents of the city located in official and extra official archives were considered as a source of information. The starting point, in the analyses, was a perspective of the Benjaminian flâneur, rescuing the cultural policies of the city and the artistic movements that take place in its different territories. As an analytical framework, the discussions were developed with reference to three concepts that intertwine throughout the writing: city, art and body. The results show that the places emphasized as touristic, located in central areas and close to shopping centers, are privileged in relation to the city's cultural policies. Although some programs provide the dissemination of artistic workshops to other places far from the central region, it is concluded that Itajaí, despite having a thriving cultural artistic scene, maintains living edges of marginalization to cultural artistic access.

**Keywords:** city; art; body; documental research.

## 1 Introdução

Figura 1: Mapa da cidade de Itajaí



Fonte: Página da internet<sup>5</sup>

O mapa da cidade apresentado, retirado de um site de turismo chamado “Litoral Santa Catarina”, apresenta a Itajaí que é reconhecida pelas belas praias e infinitas belezas naturais. Além das praias localizadas na imagem como pontos turísticos, outros locais de encontros também são ressaltados, tais como: o Molhes; o Bico do Papagaio; o Píer Turístico; o Mercado Público; a Marejada; a Igrejinha; a Igreja Matriz; o Morro da Cruz; o Teatro Municipal, o Museu Histórico e a Casa da Cultura. O mapa traz o centro da cidade como referência, porém “esquece” que do outro lado da BR 101 (rodovia de cor laranja sinalizada à esquerda) também existe cidade e um número expressivo de pessoas que habitam seus bairros: Itaipava, Santa Regina, Espinheiros, Brilhante I, Brilhante II, dentre outros. Ademais, os lugares que são reconhecidos

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.litoraldesantacatarina.com/itajai/mapa-de-itajai.php> .

como pontos culturais, tais como a Casa da Cultura e o Teatro Municipal, localizam-se, respectivamente, no centro e perto do centro, deixando pistas de uma possível centralização cultural na cidade.

Elejo essa imagem para dar início ao texto já propondo algumas problematizações que pretendo desenvolver a partir dos aspectos que entretecem esta escrita: arte, cidade e corpo. Compartilho algumas indagações que reverberam em mim e que podem criar alguns caminhos possíveis para desdobramentos: quais fronteiras existem na cidade para além do campo geográfico? Que cidade é a cidade de Itajaí? Como se configura a política de acesso às atividades artísticas na cidade? Partindo dessas questões, é objetivo desta pesquisa relatada neste artigo, de natureza documental, compreender de que forma a arte se inscreve e se produz na cidade de Itajaí.

## **2 Sobre a cidade e a arte na cidade: breves considerações**

“Itajaí, entre o rio e o mar” – eis a frase que inicia o texto sobre a cidade de Itajaí no *site* da Prefeitura Municipal de Itajaí (2023). Localizada no encontro entre o rio Itajaí-Açu com o mar, a cidade situa-se no litoral norte de Santa Catarina e tem um dos maiores complexos portuários do país. Foi colonizada por portugueses, no século XVIII, e alemães, no século XIX, mantendo fortes ligações com navegações; além disso, Itajaí é responsável por 55% do mercado nacional de pesca, sendo referência em tecnologia e inovação no setor. É um dos setores que mais emprega habitantes do município: cerca de 20 mil pessoas trabalham direta ou indiretamente no setor de pesca (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAJAÍ, 2023). Número expressivo considerando que o município conta com 226.617 mil habitantes, segundo dados do último censo realizado pelo IBGE no ano de 2021.

Itajaí também é uma cidade universitária, com mais de 24 mil alunos da Universidade do Vale do Itajaí (Univali), localizada em um ponto central da cidade, no bairro Fazenda; somados, os campi tem 170 mil metros quadrados de áreas construídas. Além dela, existem outras universidades na cidade, como a Uniasselvi e a Unopar.

Um dos locais que mais recebe visitantes na cidade é o Mercado Público, conhecido como Mercado Velho. Ali encontram-se singularidades da cultura itajaiense: gastronomia, bebidas, artesanatos e bandas locais que se apresentam semanalmente. Além do Mercado Público, a Fundação Cultural de Itajaí desempenha um papel importante no município, no que tange aos aspectos culturais, organizando reuniões e apresentações dos grupos locais de coral e

a manifestação folclórica do Boi de Mamão<sup>6</sup>. Não obstante, a Fundação Cultural de Itajaí oferece à população cursos gratuitos de dança, teatro, desenho, pintura, artesanato, entre outras atividades artísticas, através do programa “Arte nos Bairros”, objetivando manter viva a cena cultural artística na cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAJAÍ, 2023). Itajaí tem duas festas tradicionais que acontecem anualmente: a “Marejada”, criada em 1987 e celebrada no mês de Outubro, reúne vários aspectos da cultura local. Em julho, acontece a Festa Nacional do Colono, que teve sua primeira edição em 1981: nesse evento, se destacam as exposições e feiras agropecuária e agroindustrial, mostra de animais, apresentações artísticas e culturais.

Além dessas duas comemorações, Itajaí sedia também anualmente o Festival de Música, considerado o maior evento do gênero do Estado e um dos maiores do país, segundo o *site* da Prefeitura Municipal de Itajaí (2023). O Festival gera uma movimentação artística importante na cidade, pois, além de propiciar espaços para artistas locais mostrarem seus trabalhos, oportuniza a troca de experiência entre artistas consagrados da música brasileira provenientes de vários lugares do país. Não somente de shows o Festival consiste: a programação contempla “eventos paralelos”, como são chamadas pela Fundação Cultural as oficinas e *workshops* oferecidos ao público. Os eventos acontecem no Centreventos (Marejada), no Teatro Municipal, na Casa da Cultura e, no caso de evento específico nomeado como “A Música Invade a Cidade”, no Calçadão da Hercílio Luz, a principal e mais antiga rua comercial localizada no centro da cidade. Esse evento consiste em um projeto de 2011 que traz apresentações de música para uma via pública, divulgando o festival e convidando o público a prestigiar suas atividades; acontece em locais em que há maior reunião de pessoas, a fim de despertar o interesse pela mostra e gerar aproximação entre o público e o movimento artístico de Itajaí (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAJAÍ, 2023).

Outros dois festivais que acontecem na cidade são o Festival Toni Cunha e o Festival Itajaí em Cartaz<sup>7</sup>. Ambos são mostras de teatro que, para além dos espetáculos, contam com oficinas e *workshops* abertos ao público. O primeiro acontece de forma bienal, tendo sido realizada sua 7<sup>o</sup> edição no mês de Julho de 2022; o segundo é anual, tendo a última edição sido realizada no ano de 2016, de acordo com os registros encontrados.

---

<sup>6</sup> Segundo Rosa (2010) o Boi de Mamão é uma atividade folclórica trazida por imigrantes nordestinos para Santa Catarina por volta do ano de 1871. Originalmente chamada por Bumba-meu-boi, depois recebeu o nome de Boi-de-pano até ser consagrada como Boi-de-mamão. A brincadeira envolve dança e cantoria sobre o processo de vida/morte e ressurreição do boi. Atualmente ela está presente em quase todos os municípios do litoral catarinense por ter uma relação de identidade com a cultura açoriana, a qual utiliza-se, também, de instrumentos musicais e danças.

<sup>7</sup> O artigo 2 desta dissertação é dedicado a esses festivais de teatro.

Outro evento que ocorre na cidade, fascinando o público local e trazendo visitantes de outras regiões do estado e do país, é o Natal EnCanto. Este propicia noites de espetáculos marcadas pelo cortejo do Papai Noel pelo calçadão Hercílio Luz, a apresentação de coro formado por vozes adultas e infantis de Itajaí, performances de patinação artística e a projeção mapeada na Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento. Esta última acontece através de um mapeamento fotográfico na parte externa da Igreja, sendo utilizados projetores e dispositivos específicos que auxiliam na projeção. No ano de 2021, a projeção fez uma homenagem aos profissionais de saúde e às vítimas da COVID-19, visibilizando, através de um ponto turístico e central da cidade, os grandes impactos da pandemia de coronavírus.

Embora se constate a abertura de atividades artísticas em Itajaí para além de lugares convencionais, ainda ocorre uma centralização nos centros urbanos. Desse modo, compreender as fronteiras geográficas que delimitam o acesso à cultura na urbe, principalmente às regiões centrais da cidade, e seus efeitos, nos afirma a noção de centro político, para além de localização espacial.

As informações apresentadas possibilitam compreender que arte e a cidade são tramadas, criam interferências na cena urbana e múltiplos efeitos. Não somente em Itajaí isso acontece: essa trama contribui para a desmistificação de um sujeito linear e impenetrável; o tensionamento da cultura hegemônica; a necessidade da composição e intersecção urbana nos modos de vida; o alargamento das funções sociais. Esses efeitos são possíveis porque “a arte nunca é um fim, é apenas um instrumento para traçar as linhas de vida.” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.63).

Pensar na arte a partir desse lugar é uma convocatória: para além da arte descrita como função específica, todo campo experiencial que ela provoca. A arte produz novas corporeidades e afirmações de vida enquanto possibilidade de ruptura, de constituição de “si” para além do saber e do poder (FOUCAULT, 2013), estimula novos territórios existenciais e singularizações.

A arte, viva na cidade, sai de um lugar de funcionalidade e existe como constituição estética de um sujeito urbano, de um corpo-cidade (FURTADO; ZANELLA, 2007). Um corpo-cidade desdobrado por histórias, memórias, partilhas de quem ali habita, ou simplesmente por ali perpassa. Um corpo-cidade com entonações, melodias, fendas, hábitos, lembranças e significações. Um corpo-cidade com interferências e eferescências decorrentes da arte que ali se produz. Vejamos como isso acontece em Itajaí/SC.

### 3 Método

Este artigo busca olhar para o corpo-cidade de Itajaí através de uma pesquisa documental, tendo como material de análise documentos públicos da cidade de Itajaí localizados em arquivos oficiais e extraoficiais. O acesso a esses documentos deu-se através de pesquisas no Arquivo Público da cidade, na Casa Lins – Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí; em páginas *online* oficiais do município, tais como o *site* da Prefeitura Municipal e o *site* da Fundação Cultural. Foram eles: anuários, fotografias, cadernos de gestões passadas, jornais e dossiês. As leis municipais analisadas também estão disponíveis *online* no *site* da Câmara Municipal<sup>8</sup>, com todas as resoluções em regência.

Para compreender de que forma a cultura artística se inscreve e se produz na cidade de Itajaí, parto de uma perspectiva do flâneur (BENJAMIN, 1994) debruçando meu corpo sobre o tempo-espaço da cidade, permitindo que o meu olhar e minha curiosidade se tornem guias na deambulação pelos documentos analisados. O olhar para os documentos que narram a história se atém à percepção daquilo que é esquecido, ou simplesmente não costuma tomar tempo. Então, dedico tempo a olhar os transeuntes, os detalhes que compõe a cidade para além do porto e dos navios, olhar detalhes que são possíveis de serem vistos quando se espremem os olhos. É nesse encontro do meu corpo com a cidade que procuro percorrer os fragmentos de uma possível história não narrada – e, se narrada, fica em minha interpelação: de qual lugar e por quais pessoas?

A trama que envolve as discussões e análises estão alicerçadas em: cidade-arte-corpo. Parto da ideia de cidade como corpo constituído pela arte. Este corpo discutido aqui, ao contrário das teorias cartesianas e fundamentalistas, é compreendido como acontecimento, potência, definido a partir de sua capacidade de afetar e ser afetado, existindo na medida em que se encontra com um corpo outro (DELEUZE, 1997). Sendo assim, dialogo diretamente com Alcantara (2019, p.230) quando o autor discorre que “a estrutura de um corpo é a composição de sua relação. E o que pode um corpo senão sua capacidade de tornar ativo todo movimento que o afeta, sua natureza e os limites do poder de ser afetado?”.

Compreender a cidade como corpo é justamente buscar o entroncamento entre aquilo que é visto e o que é silenciado; como um espaço de coexistência entre diferentes linguagens (NETO, 2012). E a arte, como dispositivo de resistência, denúncia e anunciação daquilo que

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.cvi.sc.gov.br/>.

não é dito, narrando “histórias de diferenciados silêncios” (RIBEIRO; BAPTISTA, 2016, p.376).

O corpo-cidade, revela-se como um campo de permanência, travessia e vizinhança, marcado por uma estética e desejos sociais que nele são produzidos. Uma cidade que acontece em seus contrastes, tecidos sociais, inúmeras transformações, processos de vir a ser (PASQUALOTTO; ZANELLA; FONSECA, 2020) que conotam um inacabamento – reticências, lugares de existências.

Meu corpo é ponto de intersecção dessa cidade-arte-corpo e é a partir dessa experiência que me coloco nesta escrita.

#### **4 Entre papéis e fotografias: algumas reflexões sobre o corpo-cidade-arte Itajaí**

Lembro quando cheguei em Itajaí. Na época, estava com 18 anos, vinha de Passo Fundo (Rio Grande do Sul) para outra realidade, um outro terreno para pisar... Enquanto em Passo Fundo, eu saía com o chimarrão para encontros na praça com amigos, aqui, estava começando a me acostumar com a maresia e o sotaque “peixeiro”, como se costuma falar. De um canto do país, vim para outro distante 535,7 km; troquei a terra vermelha pela areia e o mar salgado. Um olhar para o desconhecido, mas uma aproximação com aquilo que me gera vida: a arte. Foi em Itajaí que me conectei de maneira mais assídua e intensa com a cena artística, sobretudo, o movimento teatral. Se, por um lado, estava aprendendo a reconhecer e constituir um novo solo de morada, por outro, o mesmo solo me abria possibilidades de (co)existência, inclusive no meio artístico. Talvez, lendo, pareça dicotômico, mas na própria dicotomia entre o novo e a aproximação com o velho, pude estar em movimento; meu corpo em devir acontecendo junto com a cidade (FUGANTI, 2007).

Olhar para a cidade além do espaço geográfico é um exercício de investimento na diferença, um composto de acontecimentos que vão além do tecido social. Podemos pensar na figura do rizoma que, segundo Deleuze e Guattari (1995), refere-se ao sistema de conexões sem um tempo e um espaço pré estabelecido, sem início e nem fim, mas permeado por linhas, intensidades, fluxos e segmentaridades. Ou seja, a partir da compreensão de cidade-rizoma, dispara-me a ideia de pensar territórios como pontos de conexão, não havendo uma instituição central que delimita a matriz dos fluxos, mas, sim, um emaranhado diverso e múltiplo que se agencia diariamente.

Partindo dessa lógica, escrevo sobre a cidade de Itajaí tensionando algumas reflexões que me movimentam, sobretudo no que diz respeito ao acesso à arte. Em um breve relato sobre

o município, é visto que a produção artística cultural é fomentada tanto pela política municipal como pela população que nela habita. Para compreender esse processo, conduzi-me às políticas públicas municipais para entender de que forma se rege a implementação e condução de atividades artísticas.

Em acesso à Lei Orgânica do Município de Itajaí, de 04 de Abril de 1990, com alterações até a data 18/11/2021, flano pelas 60 páginas e deparo-me com um capítulo importante à composição desta pesquisa, o capítulo VIII, intitulado Da Cultura. O artigo 194 desse capítulo preconiza que “O poder público municipal garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso às fontes da cultura nacional, catarinense e itajaiense” (ITAJAÍ, 1990). O parágrafo único que segue essa redação prevê que a política cultural do Município será definida por um Conselho Municipal de Cultura e por "ampla participação popular", sendo orientada por princípios, a saber: I – incentivo e valorização de todas as formas de expressão cultural;

- II – preservação da identidade e memória itajaiense;
- III – proteção das obras, objetos, documentos, monumentos naturais e outros bens de valor histórico, arquitetônico, artístico, arqueológico, científico e cultural;
- IV – integração com as políticas de educação, de lazer e ecológica;
- V – integração das ações governamentais no âmbito da educação, cultura e esporte;
- VI – concessão de apoio administrativo, técnico e financeiro às entidades culturais municipais e privadas;
- VII – criação de espaços e equipamentos públicos e privados, destinados à manifestação artístico cultural;
- VIII – abertura dos equipamentos públicos para as atividades culturais;
- IX – concessão de incentivos, nos termos da lei, para a produção e difusão de bens e valores culturais, como forma de garantir a preservação da cultura, das tradições e dos costumes da sociedade itajaiense" (ITAJAÍ, 1990, p.55).

Observo que o capítulo VIII da Lei Orgânica do Município de Itajaí, restrito às questões culturais da cidade, ressalta a participação popular, junto à atuação do Conselho Municipal de Cultura, nas decisões para a destinação dos recursos ao setor. Partindo disso, busquei informações que possibilitassem compreender se a população itajaiense é efetiva na defesa das políticas culturais do município.

No *site* da Fundação Cultural, há uma aba restrita aos Conselhos Municipais de Itajaí, os quais são um dos principais canais de diálogo entre a sociedade civil e o poder público para a efetivação, implementação e fortalecimento de políticas públicas, além do controle social sobre o direcionamento de recursos para determinado setor. Dentre os conselhos que fazem parte da listagem descrita na página, há o Conselho Municipal de Políticas Culturais. Em acesso à página específica deste, adentrando nas leis dispostas, deparo-me com a Lei Nº 7.040, de 24 de Julho de 2019, que altera o dispositivo da Lei Nº 4.256, de 07 de Março de 2005, sancionando e aprovando o art. 3º da Lei nº 4.256, de 07 de março de 2005, que passa a vigorar com a seguinte redação: “Art. 3º – O Conselho Municipal de Políticas Culturais será composto por 20

(vinte) membros, e seus respectivos suplentes. Ou seja, 10 representantes do poder público e 10 representantes de entidades não governamentais (sociedade civil)”. Já em seguida, acima desse último decreto, acessei o decreto nº11.742, de 24 de Outubro de 2019, o qual redige sobre a composição de cada categoria, e constato que todos os representantes da sociedade civil são profissionais de setores artísticos da cidade.

Tal fato me conduz a pensar que um dos motivos pelos quais a produção artística na cidade se faz tão presente é resultado também de um movimento sagaz de artistas do município que reivindicam a política cultural artística como dispositivo necessário no cotidiano da urbe através de órgãos políticos como o Conselho Municipal. E, não obstante, reflito que essa mesma população que reivindica o fortalecimento do setor através da participação em reuniões deliberativas pode ser representada tanto por artistas locais que lutam pelo engajamento de seus trabalhos, como por habitantes que encontram potência de vida através da arte. Constato também, nos princípios da Lei Orgânica do Município de Itajaí que orientam as políticas para o setor, o interesse público na preservação de patrimônios históricos da cidade, o desenvolvimento de espaços culturais para a continuidade de tradições locais e o financiamento de projetos sociais ligados a manifestações culturais.

Ainda sobre o Conselho Municipal de Cultura de Itajaí, ressalto que o mesmo atua de forma coletiva e deliberativa, tendo como objetivos planejar, assessorar, orientar e fiscalizar as atividades artístico-culturais do município. Organiza-se com um Conselho Pleno, composto pelos 20 representantes já citados anteriormente, a Presidência e as Câmaras Técnicas, divididas em diferentes áreas. Em Itajaí, há 10 Câmaras Técnicas, sendo elas de Literatura, Produção Cultural, Entidades do Ensino Superior, Teatro e Circo, Audiovisual, Grupos Folclóricos e Escolas de Samba, Dança, Artesanato, Música e Coral e Artes Visuais (FUNDAÇÃO CULTURAL DE ITAJAÍ, 2023b). Estas são constituídas por meio da necessidade dos Conselhos, podendo ser temporárias ou permanentes. O presidente do Conselho realiza as portarias conforme a demanda específica do município e a escolha dos integrantes a compor a Câmara é realizada pelos pares, levando em conta o perfil dos interessados e suas atuações no cenário político-cultural do município.

Estar em contato com documentos que ordenam as políticas públicas, conduzem-me a refletir sobre o papel da cultura na cidade que, além de gerar encontros com diferentes expressões artísticas, alimenta a ideia de um território vivo. Milton Santos (2002) nos traz a perspectiva de um território relacional, um espaço que se (des)constrói no cotidiano e é inscrito pela história/memória social, nos acontecimentos banais do dia-a-dia, nos modos de viver, nas

culturais que ali se produzem; trata-se, a cidade, de um espaço de produção de sentidos. A partir dessa implicação, convoco-me a pensa/sentir/experienciar a cidade-nessa-cidade.

Cabe aqui abrir um novo parágrafo para pensar essa noção de território problematizada anteriormente, entretecida com as políticas públicas culturais da cidade. Não somente de flores a cena cultural é feita. Afinal, para quem a cena cultural se destina? Lanço meu olhar novamente ao mapa apresentado na epígrafe deste artigo e, em especial, para os territórios sinalizados da cidade e os pontos reconhecidos como turísticos. Existem dois locais dedicados à produção de oficinas artísticas, bem como apresentação de espetáculos culturais. São eles: a Casa da Cultura Dide Brandão (Figura 2) e o Teatro Municipal (Figura 3). Ambos se localizam na região central, porém a Casa da Cultura se destaca por estar no coração da cidade, edificada na rua Hercílio Luz e ao lado do Museu Histórico.

Figura 2 – Casa da Cultura Dide Brandão, Itajaí/SC



Fonte: Página da internet<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://arqbrasil.com.br/3937/itajai-070318/> .

Figura 3 – Teatro Municipal, Itajaí/SC



Fonte: Página da Internet<sup>10</sup>

Na Casa da Cultura Dide Brandão<sup>11</sup>, há uma sala de leitura, uma biblioteca, 7 salas de aula, um auditório para 80 pessoas e galerias de arte. São ambientes destinados a artistas locais e de outras regiões apresentarem seus trabalhos. A instituição oferece cursos de Dança (*ballet* e *jazz*), de Música (violão, guitarra, bateria, gaita de boca, violino, coral, técnica vocal, teclado, piano), Cênicas (teatro e *clown*) e Plásticas (desenho, pintura em tela e cerâmica) (FUNDAÇÃO CULTURAL DE ITAJAÍ, 2023a). Há de se pensar que espaços como esse, além de proporcionar vivências com a cena artística cultural da cidade, possibilitam uma educação para além do ensino formal instituído nas escolas. Os cursos ofertados também são estratégias de construção de cidadania, visto que a inserção num centro cultural gera processos de criação éticos e estéticos, o que corrobora com a proposição dos autores Rojas, Lima e Braga (2021, p.238) quando dizem que “a criação é vital para a condição humana, para que cada um reconheça a sua voz, a sua capacidade de linguagem tanto no sentido de entender as emaranhadas redes de mensagens em que existimos, como no sentido de expressar-se mais livre e lucidamente”.

Quando se cria um lugar de pertencimento, o exercício da cidadania é possibilitado, tendo como valores fundamentais na relação a alteridade, a autonomia e o direito à diferença; é partir desse fenômeno político, histórico, social e subjetivo que os desejos e necessidades dos

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.itajai.sc.gov.br/noticia/27477/teatro-municipal-de-itajai-esta-com-novo-numero-de-telefone#.Y-OrPXbMLIU>.

<sup>11</sup> “Inaugurada em 1982, a Casa da Cultura Dide Brandão era sede da Escola Básica Victor Meirelles e nasceu com o objetivo de proporcionar vivências culturais aos habitantes, oportunizando processos de ensino-aprendizagem estético e aprofundamento do senso crítico através do ensino de diversas linguagens artístico-culturais, por meio de cursos, oficinas e espetáculos” (FUNDAÇÃO CULTURAL DE ITAJAÍ, 2023a, s/p).

coletivos são expressados (SAWAIA, 1994). Desse modo, se cabe a arte alguma tarefa, penso que é a de romper também com as fronteiras erguidas pela e na educação formal, possibilitando novas corporeidades que não porvir.

O Teatro Municipal, por sua vez, com capacidade para 515 pessoas, foi inaugurado apenas no ano de 2004, há 18 anos. Já a Casa da Cultura atua fortemente há 40 anos, possibilitando a apresentação de companhias artísticas locais em sua sede, bem como o desenvolvimento de oficinas abertas ao público. Ou seja, além de ser um espaço de acesso à cultura artística para os habitantes na condição de espectadores, também é possível acessá-lo na condição de aluno/a.

Apesar das construções do Teatro Municipal de Itajaí terem iniciado nos anos 90, somente em 2004 ele foi inaugurado. Contudo, mesmo após a inauguração, o mesmo precisou ficar alguns meses fechado para a finalização das obras e, somente em julho de 2005, foi reinaugurado. O Teatro Municipal de Itajaí é um dos pontos turísticos mais significativos da cidade, pois recebe importantes espetáculos do circuito nacional e internacional, além de ter colocado Itajaí, juntamente a Florianópolis, Joinville e Blumenau, no roteiro artístico de Santa Catarina<sup>12</sup>. Além dos espetáculos teatrais que acontecem no teatro, também ocorrem apresentações musicais, reuniões de coletivos de arte da cidade e rodas de conversa sobre os temas apresentados em cenas. Outro ponto turístico localizado no mapa (Figura 1), e que também é um lugar da história cultural da cidade, é o Museu Histórico. Este foi construído em 1925 e inaugurado em 1982, com o objetivo de abrigar funções do Estado. Porém, atualmente, o Museu é sede de exposições temáticas da memória da cidade, contendo em seu acervo mais de 10.000 peças de Itajaí e região (FUNDAÇÃO GENÉSIO MIRANDA LINS, 2023).

Os locais aqui apresentados são alguns pontos de referência intitulados como turísticos por manterem viva a história da cidade, mas, também, permitirem a emergência de algum novo; do que pode vir a ser. O palco, a sala de aula, o auditório, o acervo, os encontros nesses locais possibilitam a criação de novos afetos e de devir. “Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal qual já não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p 11). É nesse encontro do meu/seu/nosso corpo com outros corpos na cena artística da urbe que afetos me/te/nos atravessam e me/te/nos impregnam, estabelecendo um território outro de conexões; um território de passagens, travessias, vizinhanças, mas nunca apenas de chegada. Eis a importância dos locais referidos

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://teatromunicipalitajai.blogspot.com/>. Acessado em: 15 de Agosto de 2022.

para a dinâmica da cidade, para a constituição de corpos outros que venham a compor o próprio corpo da cidade.

## 5 Arte para além do mapa...

Embora tenha destacado os espaços culturais canônicos em Itajaí e sua importância, algo incomoda-me em relação ao direito<sup>13</sup> às políticas de cultura na cidade. Talvez essa discussão precise estar na primeira linha, mas percorro a escrita anterior tentando encontrar alguma justificativa plausível para os questionamentos que deixo aqui como reflexões. Peço, genuinamente, que voltemos à primeira página desse capítulo na qual está localizado o mapa da cidade de Itajaí apresentado (Figura1). Para quem não conhece o município, talvez não fique em evidência o recorte geográfico que é feito para destacar os pontos turísticos; contudo, esse recorte existe e vai além de um plano físico, constitui-se também simbolicamente.

Segundo o *site* da Prefeitura Municipal de Itajaí, a cidade é composta atualmente por 32 bairros, dos quais 9 localizam-se à margem esquerda da Rodovia (BR 101), considerando a direção sul-norte. São eles: Espinheiros, São Roque, Itaipava, Brilhante I, Brilhante II, Limoeiro, Paciência, Santa Regina e Arraial dos Cunhãs. Esses bairros não são citados no mapa, assim como aqueles que estão situados à margem direita da BR 101. O que reverbera nessa situação é que todos os pontos turísticos apontados no mapa se localizam no centro ou em bairros próximos a ele e distantes dos citados acima. Resolvi fazer uma análise da distância *versus* tempo da BR 101 para o Centro da cidade através do aplicativo *Google Maps* e, quando coloco a origem (BR 101) e o destino (Centro/Itajaí), a primeira via indicada é a Avenida Vereador Abrahão João Francisco. A distância calculada fica em 7,8 km (mais ou menos 15 minutos com condução própria) e, quando mudo o meio de transporte e coloco a opção “a pé”, o tempo muda para 1h30min. Tento também colocar a opção de transporte público, contudo não obtive resultados.

A partir dessas informações, questiono: a população que mora nesses bairros distantes do Centro acessa as atividades artísticas desenvolvidas na cidade? As atividades propostas nesse núcleo da urbe em que se localizam a Casa da Cultura Dide Brandão, o Museu Histórico e o

---

<sup>13</sup> Segundo Lefebvre (2011) o conceito de direito à cidade diz respeito a quem nela vive; participando da vida cotidiana, repensando modos de agir e de existir em seus territórios partindo de um compromisso ético e político. Se desdobra em conceitos outros no que tange ao direito de necessidades básicas, como o direito ao trabalho, ao transporte público, à moradia digna, à informação, ao lazer e à cultura. Desta forma, o “direito à cidade” não diz respeito apenas a demandas de infraestruturas e de habitação, mas, sim, fundamenta-se na ideia de liberdade, produção de encontros, autonomia e de afetos.

Teatro Municipal são realmente de acesso para todos? Acontecem oficinas artísticas em outros territórios que não os centrais?

É no espaço central da cidade que tudo ganha maior holofote: tanto as benfeitorias como aquilo que desagradam, a somar com o efeito político que se empreende nesses pontos. Nada mais é que um território constituído por relações e dispositivos de saber e poder historicamente construídos com a função de controle e de organização social (FOUCAULT, 1999). Sendo assim, parto de duas propostas: é no território central que o Estado tem maior controle sobre o que é feito e é a partir do território central que o Estado ganha maior visibilidade. Com isso, incito a dizer que a inscrição de pontos culturais nessas localidades têm uma função social e política que transpassa a simples disseminação artístico-cultural pela cidade. É a partir dali que Itajaí é vista, falada, comentada e aplaudida, sendo a arte um dispositivo de subjetivação do corpo que pode, justamente, criar territórios de re(existência) composto por perceptos e afetos, na tentativa de romper com a lógica binária da racionalidade hegemônica (FOUCAULT, 2013).

## **6 A cidade e a cultura para além da região central**

Em minha relação com a cena artística de Itajaí, participei de algumas oficinas disponibilizadas pela Fundação Cultural de Itajaí, bem como assisti a muitos trabalhos desenvolvidos na cidade. Já tinha conhecimento de um projeto desenvolvido no município chamado “Arte nos Bairros” e, com essa pesquisa e as reverberações geradas, resolvi ir atrás de informações para ver como funciona.

Segundo o *site* da Prefeitura Municipal de Itajaí, o programa, instituído pela Lei nº 4561, de 09 de Maio de 2006, foi desenvolvido através da Fundação Cultural de Itajaí, no âmbito do município, com o intuito de promover apresentações nas áreas culturais de dança, canto-coral e teatro. Os grupos locais podem se inscrever no projeto, desde que estejam em atividade comprovada no Município de Itajaí com no mínimo dois anos; quando selecionados, recebem verba para o desenvolvimento de seus trabalhos. Em 2023, os cursos ofertados são de Amigurumi Artesanato, Audiovisual (cinema), Ballet clássico, Ballet método cubano/Alícia Alonso, Bateria, Boi de mamão, Capoeira, Contrabaixo, Coral infantil, Costura criativa, Dança contemporânea, Danças de salão, Danças de matrizes africanas, Dança regional e criativa, Danças urbanas, Desenho artístico, DJ, Entalhe em madeira, Escrita criativa (Literatura), Fotografia, Malabares, Maquiagem cênica, Patinação artística, Percussão, Pintura artística em muros e murais, Pintura em tela, Pintura em tecido, Sopros (flauta, sax, trompete, sopros em

geral), Teatro (prática de teatro, teatro e oratória), Teclado, Violão e Violoncelo (FUNDAÇÃO CULTURAL DE ITAJAÍ, 2023a).

Respondendo a uma das indagações realizadas anteriormente sobre a oferta de oficinas artísticas em outros territórios que não os centrais, o programa “Arte nos Bairros” proporciona a extensão de atividades artísticas culturais em bairros mais distantes do centro, a citar, por exemplo: Brilhante II | E.B. Martinho Gervási - Rua Rodolpho Girardi, 4309; Espinheiros | Salão Paroquial Capela Santo Antônio –Rua Fermino V. Cordeiro, 4374; Imaruí | Escola Básica Arnaldo Brandão – Rua Leodegário Pedro da Silva, 633; Itaipava | Museu Etno- arqueológico - Av. Itaipava, 3901; Km 12 | CEI Augusto Bento de Oliveira (em frente à igreja) – Rua Ver. Germano Luiz Vieira; Limoeiro | Posto de Saúde - Rua Edmundo Leopoldo Merisio, s/n; Salseiros | Salão Paroquial Igreja Senhor Bom Jesus – Rod. BR 101, KM 115; Santa Regina | Igreja Santa Regina – Rua Alberto Dagnoni, 1214; São Roque | Igreja de São Roque – Rua Domingos Rampelotti, 5183.

Os bairros citados anteriormente são os territórios mais distantes da área central da cidade de Itajaí, localizados do outro lado da BR-101. Em acesso ao Plano Municipal de Saúde de Itajaí (SECRETARIA DE SAÚDE DE ITAJAÍ, 2014) ainda vigente, consta que Itajaí tem uma população de 183.373; das quais 5.416 residem no bairro Espinheiros, 5.027 no bairro Itaipava e 3.070 no bairro Salseiros. Os bairros Santa Regina, São Roque e Brilhante não integram a tabela; utilizam o termo “outros bairros” e apontam a população de 9.921 habitantes nesse indicador. O bairro Brilhante, por exemplo, é uma das mais extensas áreas rurais que integram o município de Itajaí e mesmo assim não aparece na tabela de bairros da cidade; de acordo com o Plano Municipal de Saúde de Itajaí (SECRETARIA DE SAÚDE DE ITAJAÍ, 2014), esse território contém uma Estratégia Saúde da Família (ESF) para a população. Já o bairro Espinheiros, segundo Raupp (2013), foi um dos primeiros a ter os próprios grupos escolares, a partir de 1935, e estão nesse território também as águas que abastecem o Itajaí-Açum – “força-motriz da economia portuária” (2013, s/p), como o autor ressalta.

Nesse flâneur pela cidade de Itajaí, pesquisando os territórios que a constituem, buscando singularidades, curiosidade, estranhezas, partilhas para essa escrita, deparo-me com a seguinte frase: “contrariando o que muitos acreditam, a primeira colônia de Itajaí não surgiu onde hoje é o centro urbano da cidade. Muito antes da emancipação do município, em 1860, havia sido fundada uma colônia no atual bairro de Itaipava” (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAJAÍ, 2016, s/p). O bairro Itaipava, distante do centro da urbe, traz consigo um arcabouço histórico memorável para Itajaí. No ano de 2016, houve a realização de um projeto viabilizado por meio da Lei de Incentivo à Cultura, Fundação Cultural e Prefeitura Municipal de Itajaí

intitulado “Retratos Itaipava: Imersão histórica na pedra que atravessa a água”, com o intuito de possibilitar a imersão histórica no território, disponibilizando experimentações artísticas e culturais por meio da fotografia para enaltecer o patrimônio histórico local. Encontrei uma página na internet<sup>14</sup> sobre esse projeto, na qual constam algumas fotos de locais memoráveis do bairro, além de informações sobre a imersão e alguns textos de entrevistas com historiadores sobre os patrimônios sediados no território.

Salseiros é um bairro de Itajaí que recebeu seu nome por fazer referência à árvore Salgueiro, conhecida, regionalmente, por Chorão ou Salseiro (FLORIANO, 2021). Conta com uma ESF e o serviço de assistência social que assiste ao território é o Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) – Imaruí. O bairro Santa Regina foi criado a partir de um projeto de Lei Ordinária nº 153/2019 a fim da integração dos loteamentos Portal II, Jardim Amélia, Santa Regina I e II, São Francisco de Assis e São Domingos, sendo considerado um território novo na cidade de Itajaí. Contém equipamentos de saúde, sendo 1 ESF + 1 ESF com Saúde Bucal; porém, quando pesquiso sobre o território e espaços de cultura para os habitantes, não aparecem registros.

Não muito diferente, o bairro São Roque também é um território que não contém espaços oficiais de lazer cultural aos moradores; caracteriza-se por ser uma zona de transição urbana-rural e no Plano Municipal vigente do município não aparece como bairro itajaiense.

Evidencio os bairros invisibilizados no mapa respondendo a um dos questionamentos sobre a existência de políticas culturais e de acesso às práticas artísticas da cidade em outros territórios da urbe. O programa “Arte nos Bairros” é uma política de acesso à cidade e de acesso à arte que permite à população, mesmo aquela que reside distante da região central, ocupar espaços culturais e experimentar vivências do seu corpo com a arte. É uma proposta de descentralização da política cultural que promove saúde, o exercício da cidadania, além de criar territorialidades e possibilitar a abertura de pensamento, como escreve Suely Rolnik (1995).

Deleuze e Guattari (1995) discorrem que o território é um espaço subjetivo de vivências, constituído por conjuntos representacionais de comportamentos do cotidiano, esferas sociais, culturais, estéticas que se imbricam diariamente no ir e vir da vida banal. A produção artística proposta nesses territórios provoca uma formação subjetiva que cria um território específico, o qual está num movimento dialético de desterritorialização e reterritorialização ao passo que linhas de fuga são abertas e agenciadas em um campo-espaço.

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://retratositaipava.wordpress.com/>. Acesso em: 20 de Agosto de 2022.

Não posso dizer o que produzem efetivamente essas oficinas nesses bairros distantes da região central da cidade. Os limites da pesquisa realizada não permitem visibilizar as linhas de fuga que por ventura ali se abrem, os rizomas que ali se produzem, porém a aposta é pensar nessa desterritorialização da arte como possibilidade de acesso e de reconhecimento de novos modos de vida. Nesse trajeto de saída da arte de uma região central, a qual concentra o poder econômico e político da cidade, para lugares à margem, seguindo os rastros das políticas culturais, emergem outros questionamentos: para quem, quando e onde é de direito a arte na cidade?

## 7 Considerações finais

Eu ando pelo mundo prestando atenção  
Em cores que eu não sei o nome  
Cores de Almodóvar  
Cores de Frida Kahlo, cores...

(Adriana Calcanhoto)

Quando ouço a música de Adriana Calcanhoto, “Esquadros”, penso nessas idas e vindas da minha vida nos últimos anos. Olhar mundo afora também é perceber um novo campo de experiência de vida; mas, para além de simplesmente olhar, habitar esse mundo afora requer travessias do canto em que se está, para o canto em que se quer ou que se pode chegar. Nesse canto de Itajaí, coloquei-me em outra condição de estar no mundo. Redijo. Nesse canto de Itajaí, a própria cidade proporcionou-me outra condição de estar no mundo. Acredito mais nessa última frase, visto que é nessa cidade que meu corpo-artista-psicóloga tomou outras formas, desejando permanecer e não apenas atravessar. Meu corpo habita essa cidade e essa cidade me habita e constitui diariamente.

A cidade é composta a partir de suas reticências históricas, as quais produzem eco no contemporâneo e deixam registros nas ruas, nas moradias, nas paisagens e nas pessoas. Fui ao encontro de alguns desses registros, objetivados em documentos oficiais e extraoficiais, arquivos históricos, fotografias esquecidas em envelopes amarelados dentro de grandes caixas azuis. Estudando as políticas culturais vieram-me questionamentos, indagações e, também, frustrações sobre a ocupação da cidade e o direito à arte. Os lugares enfatizados como turísticos são lugares localizados nas áreas centrais, perto de centros comerciais e mais visíveis a olho nu.

Mas há vida que pulsa em outros lugares, há arte e cultura que se inscreve para além do que é oficialmente documentado.

Algumas políticas culturais de Itajaí, como o Programa “Arte nos Bairros”, por exemplo, proporcionam a difusão de oficinas artísticas para outros bairros da cidade, porém fica evidente que esses outros territórios não são prioridades. A cidade de Itajaí, em sua cena artística cultural pujante, também mantém vivas arestas de marginalização ao acesso artístico-cultural; uma equação composta por jogos e relações de poder que se faz urgente tensionar.

## Referências

- ALCANTARA, Sarah Bernadete de Carvalho. O que pode um corpo? Espinosa e Deleuze, o desejo como produção. **Profanações**, v. 6, p. 220-237, 2019.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III**: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. O ato de criação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 1-15, jun. 1999.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol 1. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- FLORIANO, Magru. **Bairro Salseiros**, 2021. Disponível em: <https://itajaipedia.com.br/artigos/bairro-salseiros/>. Acesso em: 22 ago. 2022.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. p. 273-295.
- FUGANTI, Luiz. Corpo em devir. **Sala Preta**, v. 7, p. 67-76, 2007.
- FUNDAÇÃO CULTURAL DE ITAJAÍ. **Programas e projetos**. Itajaí, 2023a. Disponível em: <https://fundacaocultural.itajai.sc.gov.br/>. Acesso em: 07 fev. 2023.
- FUNDAÇÃO CULTURAL DE ITAJAÍ. **Setorial de Teatro e Circo**. Itajaí, 2023b. Disponível em: <https://fundacaocultural.itajai.sc.gov.br/>. Acesso em 07 fev. 2023.
- FUNDAÇÃO GENÉSIO MIRANDA LINS. **Museu Histórico**. Itajaí, 2023. Disponível em: <https://fgml.itajai.sc.gov.br/museu-historico>. Acesso em: 22 ago. 2022.
- FURTADO, Janaina Rocha; ZANELLA, Andréa Vieira. Artes visuais na cidade: relações estéticas e constituição dos sujeitos. **Psicol. rev.** (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 309-324, dez. 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682007000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682007000200007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22 ago. 2022.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

ITAJAÍ. **Lei Orgânica nº 4256, de 07 de março de 2005**. Homologa o regimento interno do Conselho Municipal da Cultura. Itajaí, SC, 2005. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/lei-organica-itajai-sc>. Acesso em: 22 ago. 2022.

NETO, José Cardoso Ferrão. Corpo, oralidade e letramento na cidade contemporânea: materialidades e construções simbólicas. **Revista FAmecos**, v. 19, n. 1, p. 264-279, 2012.

PASQUALOTTO, Mariana Zobot; ZANELLA, Andréa Vieira; FONSECA, Tânia Galli. Se tudo ficasse quieto conseguiríamos escutar o rio?: uma intervenção urbana sobre memórias da cidade. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, v. 2, n. 38, p. 1-24, set. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/14145731023820200035>. Acesso em: 22 ago. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAJAÍ. **Notícias**. Itajaí, 2016. Disponível em: [https://www.itajai.sc.gov.br/noticia/15664/retratos-itaipava-resgata-patrimonios-historicos-do-primeiro-bairro-de-itajai#.Y-I5\\_XbMLIV](https://www.itajai.sc.gov.br/noticia/15664/retratos-itaipava-resgata-patrimonios-historicos-do-primeiro-bairro-de-itajai#.Y-I5_XbMLIV). Acesso em 07 fev. 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAJAÍ. **A cidade**. Itajaí, 2023. Disponível em: <https://itajai.sc.gov.br/c/a-cidade>. Acesso em 07 fev. 2023.

RAUPP, Valmir Pereira. Valmir Pereira Raupp apresenta o Bairro Espinheiros, em Itajaí. **NSC Total**, Itajaí, 2013. Disponível em: <http://osoldiario.clicrbs.com.br/sc/noticia/2013/08/valmir-pereira-raupp-apresenta-o-bairro-espinheiros-em-itajai-4244948.html>. Acesso em: 22 ago. 2022.

RIBEIRO, Elton Silva; BAPTISTA, Luis Antonio. Ruídos e silêncios de um corpo na cidade: paradoxos da produção da diferença no contemporâneo. **Psicologia em revista**, v. 22, n. 2, p. 374-391, 2016.

ROJAS, Angelina Accetta; LIMA, Andre Cesari Batista de; BRAGA, Livia Ribeiro Barboza de Araújo. Cultura, arte e estética: uma análise da educação da sensibilidade a partir de uma exposição. **Pragmatizes – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura**, v. 11, n. 20, p. 236-254, mar. 2021.

ROLNIK, Suely. Ninguém é deleuziano (Entrevista). **O Povo..** Fortaleza, p. 6-18, nov. 1995.

ROSA, Clemilson da. **História e tradição do Boi de Mamão em Santa Catarina (1970-2000)**. 2010. TCC (Graduação em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010.

SANTOS, Milton. **O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania**. São Paulo: Publifolha, 2002.

SAWAIA, Bader B. Cidadania, diversidade e comunidade: uma reflexão psicossocial. **Cidadania em Construção: um Reflexo Transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994.

SECRETARIA DE SAÚDE DE ITAJAÍ. **Plano Municipal de Saúde de Itajaí**. Itajaí, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/milen/Downloads/palno%20municipal%202014%20a%202017.pdf>. Acesso em 07 fev. 2023.

SPINK, Mary Jane Paris. A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar. *In*: SAWAIA, Bader B. **Cidadania em Construção: um Reflexo Transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994. p. 147-156.

SAWAIA, Bader B. Cidadania, diversidade e comunidade: uma reflexão psicossocial. **Cidadania em Construção: um Reflexo Transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994.

SECRETARIA DE SAÚDE DE ITAJAÍ. **Plano Municipal de Saúde de Itajaí**. Itajaí, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/milen/Downloads/palno%20municipal%202014%20a%202017.pdf>. Acesso em 07 fev. 2023.

SPINK, Mary Jane Paris. A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar. *In*: SAWAIA, Bader B. **Cidadania em Construção: um Reflexo Transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994. p. 147-156.

## ARTIGO 2

### **O que produzem os Festivais de Teatro no corpo da cidade de Itajaí/SC?**

#### RESUMO

Este artigo busca analisar o que produzem os Festivais de Teatro “Itajaí em Cartaz” e “Toni Cunha” no corpo da cidade de Itajaí/SC. As fontes de informações compreenderam documentos públicos do município disponibilizados em arquivos oficiais e extraoficiais, bem como entrevista realizada com um ator, diretor e produtor cultural que é referência na cidade. A trajetória dos Festivais é analisada a partir da perspectiva do flâneur benjaminiano, transitando por documentos arquivados e emudecidos pelo tempo. Constatou-se que, apesar da escassez de documentos em lugares de preservação oficial da memória e da história da cidade, permanecem rastros desses festivais que possibilitam compreender a importância e o que produzem no corpo da cidade, tais como os cartazes espalhados pela cidade, os lambes colados em paredes de edificações e os ecos que ressoam das temáticas sociais apresentadas no palco. Conclui-se que, ao mesmo tempo em que os festivais de teatro analisados buscam alargar sua presença para espaços outros da cidade, continuam sendo desafios a serem superados a marginalização do acesso aos espetáculos e a documentação oficial das atividades desenvolvidas.

**Palavras-chave:** cidade; teatro; festival.

## **What do Theater Festivals produce in the body of the city of Itajaí?**

### **ABSTRACT**

This article seeks to analyze what the Theater Festivals “Itajaí em Cartaz” and “Toni Cunha” produce in the body of the city of Itajaí/SC. The sources of information included public documents from the municipality available in official and extra official archives, as well as an interview with an actor, director and cultural producer who is a reference in the city. The trajectory of the Festivals is analyzed from the perspective of flâneur benjaminiano, moving through archived documents muted by time. It was found that, despite the scarcity of documents in places where the city's memory and history are officially preserved, traces of these festivals remain, which make it possible to understand the importance and what they produce in the body of the city, such as the posters scattered around the city, the licks pasted on the walls of buildings and the echoes that resonate from the social themes presented on stage. It is concluded that, at the same time that the analyzed theater festivals seek to expand their presence to other spaces in the city, the marginalization of access to shows and the official documentation of the developed activities continue to be challenges to be overcome.

**Keywords:** city; theater; festival.

## 1 Introdução

A cidade ganha vida à medida que as histórias de seus habitantes se enraízam, produzindo efeitos, deixando traços, indícios e cicatrizes que se configuram como signos a comunicar sua complexa trama. O encontro entre o particular e o universal, a saída de um local privado para o espaço público, a materialização das alegrias e angústias sociais, visíveis a olho nu nas praças, becos e esquinas, constituem os processos de subjetivação que se objetivam no ir e vir cotidiano. A cidade, por conseguinte, se faz como corpo transversalizado por desejos sociais que dão tonalidade à sua composição histórica: presente, passado e futuro operam simultaneamente na tessitura urbana.

Carmo (2018, p. 582) discorre que a “cidade é um processo, um espaço social indissociável das múltiplas experiências humanas em constante devir”. Trata-se, toda e qualquer cidade, de um espaço produtor de singularizações que, ao mesmo tempo em que as constitui, é constituída pelas inúmeras pessoas que nela residem ou estão de passagem.

Qual a contribuição das produções artísticas e culturais nesse processo? A arte enquanto dispositivo de resistência (DELEUZE, 1999) é um dos mecanismos de denúncia e anunciação daquilo que não é dito e visibilizado a olho nu, mas que compõe os espaços urbanos. A arte narra “histórias de diferenciados silêncios” (RIBEIRO; BAPTISTA, 2016, p.376).

Através da arte o invisível se faz explícito e o vazio ocupa espaço; um terreno que engendra novos discursos e potências de criação-bombardeios de subjetividades que se expandem pelo território citadino: “seja qual for o canal de expressão, pensamos/criamos porque algo de nossas vidas nos força a fazê-lo para dar conta daquilo que está pedindo passagem em nosso dia a dia” (ROLNIK, 2006, p.02).

Podemos pensar na arte, com suas diferentes linguagens, como uma expedição à luz do contemporâneo, marcada por angústias do próprio sujeito moderno, que cria para escapar do abismo mercantil, afetando com suas criações não somente a si, mas ao outro também. Estratégia da arte para intervir sobre o espaço micropolítico e que permite vicissitudes outras, ramificações e provocações que tensionam instituídos e inflamam possíveis, agenciando curto-circuitos. O teatro é uma dessas possibilidades da arte produzir curto-circuitos, provocar afetos, efeitos e fluxos que se atravessam na cartografia da cidade, criando pontes de paragem e possibilidades de escoamentos, vibrando intensidades, imprimindo registros inesperados, (des)mapeando tudo (ROLNIK, 2006).

Partindo dessa compreensão, a cidade nesta pesquisa é vista como um lugar-cênico (BRITO, 2016), que desloca e recria o espaço urbano: de um simples campo de habitação, é

compreendida como território constituído por experiências estéticas e estímulos para a criação artística. Nesse viés, a urbe existe como “sala de ensaio” e espaço de reflexão tanto para o/a artista como para o cidadão que ocupa esse lugar” (BRITO, 2016, p.44), sendo a arte um dos dispositivos que permitem a ruptura com o corriqueiro para que outros encontros e diálogos sejam possíveis.

Se a cidade é um lugar-cênico, podemos também pensá-la como espaço de habitação e travessia. Que lugar ocupam na cidade os Festivais de Teatro? Intenciono neste artigo analisar dois eventos culturais de teatro da cidade de Itajaí/SC, os quais movimentam tanto a população citadina, como pessoas de diferentes partes do Brasil que os frequentam: os Festivais de Teatro “Itajaí em Cartaz” e o “Festival Brasileiro de Teatro Toni Cunha”. Passeio pela urbe buscando compreender o que produzem esses Festivais de Teatro no corpo da cidade de Itajaí. Busco analisar as marcas produzidas por eles, quais os lugares em que elas se registram, se condensam, se fazem presentes, perscrutando seus efeitos políticos e estéticos.

## 2 Método

A pesquisa realizada objetiva compreender o que produzem os Festivais de Teatro Itajaí em Cartaz e Toni Cunha no corpo da cidade de Itajaí/SC. Para seu desenvolvimento, foram analisados documentos públicos do município, localizados em arquivos oficiais e extraoficiais. Fui ao encontro desses documentos através de pesquisas no Arquivo Público da cidade, na Casa Lins – Centro de Documentação e Memória Histórica de Itajaí –, em páginas *online* oficiais do Município, nos jornais locais “Diarinho” e “O Município”, em *blogs* alimentados pelos/as artistas itajaienses e no próprio arquivo físico do Teatro Municipal.

Somam-se a esses documentos, como fonte de informação, entrevista realizada com o ator, diretor e produtor Valentim Schmoeler. Fundador da Anchieta Arte Cênica (AECA), escola de teatro da cidade de Itajaí, atua na área teatral desde os 10 anos de idade (1966); é responsável pela formação artística de grande parte dos atores e atrizes de Itajaí, sendo que a maioria deles já participou das montagens do AECA.

Percorro a trajetória dos Festivais de Teatro da cidade de Itajaí a partir da perspectiva do flâneur benjaminiano (BENJAMIN, 1994; BIONDILLO, 2014), transitando por documentos arquivados e emudecidos pelo tempo, observando as marcas que se compõem na cidade-palco através da movimentação dos Festivais, sentindo no corpo de quem habita a urbe os registros da arte, ouvindo o testemunho de quem esteve à frente desses festivais desde o seu início.

“Merece destaque o fato do flâneur benjaminiano estar — notavelmente — imerso pelas impressões suscitadas pelo corpo, tanto do ponto de vista físico, quanto do ponto de vista onírico e poético, que se abre para o mundo” (SILVA, 2016, p. 267). Partindo dessa perspectiva, meu corpo, ao deambular pela cidade, foi ao encontro desses rastros que a constituem, entretecendo-se com a história daquilo que foi sendo encontrado, criando uma corporeidade outra.

Utilizo, também, da cartografia como método de pesquisa-intervenção, a qual me guia pela cidade de Itajaí, em seus territórios, buscando documentos que insistem em existir através de pistas que me guiam como cartógrafa (KASTRUP; ESCÓSSIA; PASSOS, 2009). Tento não pressupor um caminho previamente delineado, visto que a própria cartografia rompe com qualquer sentido tradicional do pesquisar. Procuo, então, estar aberta para os possíveis lugares de habitação: aquilo que encontro e o que não consigo encontrar são tramas que teço nesta pesquisa.

### **3 A cidade de Itajaí e seu movimento cultural: um breve retrato**

Itajaí é uma cidade localizada ao norte do litoral de Santa Catarina, com 226.617 habitantes segundo dados do último censo do IBGE (2021). Foi colonizada por portugueses, no século XVIII, e alemães, no século XIX, tendo como principal economia a indústria portuária. Na cidade se localiza a UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí, que, segundo o *site* da Prefeitura Municipal de Itajaí (2023), é uma das maiores instituições de ensino superior do Brasil. O município possui forte engajamento no cenário cultural e promove várias manifestações artísticas, sendo duas delas os Festivais de Teatro Itajaí em Cartaz e o Festival Brasileiro de Teatro Toni Cunha.

Atualmente, há 13 companhias de teatro na cidade que continuam atuantes, a saber: “Atuar Produções Teatrais”; “Cia Experimentus Teatrais”; “Cia Mútua Teatro de Animação”; “Cia Os Mequetrefes”; “Coletivo Intrépidos”; “Eranos Círculo de Arte”; “Grupo Porto Cênico”; “Grupo Risco de Teatro”; “Karma Coletivo de Artes Cênicas”; “Ospália - Coletivo de Pesquisa em Palhaçaria”; “Bagagem Cênica”; “Produtora Anchieta Arte Cênica” e “Téspis Cia de Teatro”. Observa-se que a cidade de Itajaí têm uma produção artística pujante: além das linguagens cênicas, ela também sedia eventos culturais reconhecidos regional e nacionalmente, como por exemplo o Festival de Música<sup>15</sup>. Já em sua 24ª edição, o festival ocorre anualmente

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.itajai.sc.gov.br/>.

e recebe artistas de todos os lugares do Brasil, oferecendo uma programação ampla e diversificada ao público.

#### **4 Algumas considerações sobre o Festival Itajaí em Cartaz e o Festival Brasileiro de Teatro Toni Cunha**

Tanto o Festival Itajaí em Cartaz como o Festival Brasileiro de Teatro Toni Cunha tem uma longa trajetória na cidade. O primeiro surgiu em 2007, promovido pela Rede Itajaiense de Teatro e, em algumas edições, contou com o apoio da Federação Catarinense de Teatro (FECATE). Foi criado com o intuito de reunir os grupos locais da cidade e possibilitar engajamento no cenário artístico-cultural do município, sendo considerado pela Fundação Cultural de Itajaí (2023a) “um dos mais importantes festivais de teatro de Santa Catarina”.

Em conversa com o ator e diretor Valentim Schmoeler, questiono sobre o motivo pelo qual ambos os festivais, Itajaí em Cartaz e Toni Cunha, surgiram no ano de 2007 e o mesmo responde que foi por pura coincidência: o primeiro surgiu por uma necessidade dos grupos itajaienses de criar uma mostra de teatro local; e o Festival Toni Cunha nasceu visando atrair para a cidade artistas e plateias não somente de Itajaí, mas de todo o Brasil.

Foram realizadas 10 edições do Festival Itajaí em Cartaz, nas quais pelo menos 8 companhias da cidade estiveram presentes com espetáculos variados. Sua primeira edição ocorreu no segundo semestre de 2007, de 16 a 20 de maio, e a última foi no ano de 2016; não há registros em documentos oficiais sobre os motivos pelos quais o evento não teve continuidade. Na busca por informações, foi difícil achar registros sobre esse festival, em especial sobre a sua primeira edição. As pesquisas em documentos oficiais, disponibilizadas principalmente em páginas *online* do município, tais como o *site* da Prefeitura Municipal<sup>16</sup> e o *site* da Fundação Cultural de Itajaí<sup>17</sup>, não localizaram materiais significativos a respeito de ambos os festivais, especialmente do Itajaí em Cartaz.

Não satisfeita com o resultado obtido, fiz uma busca em outros canais de informação. Ao acessar a página *online* do “Jornal do Município”, órgão oficial de comunicação da administração pública de Itajaí<sup>18</sup>, em específico as edições do ano de 2007 (ano de inauguração do festival), deparei-me com informações sobre contratação de companhias de teatro, licitações

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://itajai.sc.gov.br/>.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://fundacaocultural.itajai.sc.gov.br/>.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://omunicipio.com.br/tag/vale-do-itajai/>.

e prestações de contas para o Festival Toni Cunha. Contudo, somente para a edição nº 513 – Ano VIII – de 27 de Fevereiro a 01 de Março de 2007<sup>19</sup>, dispõe-se de uma lista de projetos aprovados através da Lei Municipal de Incentivo à Cultura, no qual consta o Festival Itajaí em Cartaz, citado como “Mostra de Teatro”, cujo valor atribuído fora de R\$20.000,00. Nas demais publicações do mesmo ano, não encontrei outras informações.

A história que escapa pelas mãos, fragmentada pelos recortes do tempo/espaço, possibilita acessar um vestígio do que foi perdido, e com ele tento tecer esta pesquisa. Concordando com Gagnebin (2018, p.71) quando afirma que “o passado pode ser salvo, mas pode também ser novamente perdido”, entendo que esse apagamento histórico se produz diariamente no cotidiano. Mas o passado não se restringe a uma porção de tempo bloqueada, intocável e inalcançável, pois através dos rastros históricos temos acesso àquilo que outrora aconteceu e foi esquecido, emudecido ou silenciado ao longo dos anos. A própria memória ocupa um espaço, um lugar, e através da mediação de seus rastros é que se tem acesso ao passado; ou seja, tanto os documentos, quanto a consolidação de instituições de cultura, são testemunhas do que aconteceu e do que permanece acontecendo nas cidades (SELIGMAN-SILVA, 2005).

Outro festival de Itajaí analisado, o Festival Brasileiro de Teatro Toni Cunha, surgiu em 2007 com o nome “I Festival Brasileiro de Teatro”, coincidentemente no mesmo ano em que o Festival Itajaí em Cartaz. O Toni Cunha, ao contrário do Itajaí em Cartaz, continua acontecendo bianualmente, tendo sido a sua VII edição realizada em julho de 2022.

Ambos os eventos foram promovidos pela Fundação Cultural de Itajaí, em parceria com a Prefeitura, as Câmaras Setoriais de Teatro<sup>20</sup> e o patrocínio de algumas empresas privadas. Volnei Morastoni, atual prefeito da cidade de Itajaí, no período entre 2021 e 2024, filiado ao PMDB, também ocupava o cargo no ano de 2007 pelo Partido dos Trabalhadores; Lourival Andrade era, na época, o superintendente e Vanderlei Lazzarotti, diretor executivo que compunha a equipe cultural da época.

O nome “Toni Cunha” foi atribuído por Denise da Luz, artista integrante da Téspis Companhia de Teatro itajaiense, em homenagem a Antônio Carlos Cunha, importante artista e facilitador cultural da cidade. Foi membro fundador da Academia Itajaiense de Letras, diretor

---

<sup>19</sup> Disponível em: [https://intranet2.itajai.sc.gov.br/public/jornal-municipio/jornais/jornal\\_2007\\_513\\_220.pdf](https://intranet2.itajai.sc.gov.br/public/jornal-municipio/jornais/jornal_2007_513_220.pdf). Acesso em: 30 de Agosto de 2022.

<sup>20</sup> As Câmaras Setoriais são grupos que surgem com a necessidade de aprofundar discussões sobre determinado tema, os quais são constituídos por especialistas da área. Em Itajaí há 10 Câmaras Técnicas, sendo elas de Literatura, Produção Cultural, Entidades do Ensino Superior, Teatro e Circo, Audiovisual, Grupos Folclóricos e Escolas de Samba, Dança, Artesanato, Música e Coral e Artes Visuais (FUNDAÇÃO CULTURAL DE ITAJAÍ, 2023b).

da Casa da Cultura Dide Brandão e compôs a equipe de trabalho da Fundação Cultural de Itajaí por 10 anos. Além do festival, a sala de espetáculos do Teatro Municipal também foi batizada em 2011 com o nome do artista. “Um painel, com sete metros de comprimento com sua imagem grafitada está fixado no *hall* do teatro, dando boas-vindas aos amantes da cultura e da arte.” (FUNDAÇÃO CULTURAL DE ITAJAÍ, 2015).

Benjamin (1994) discorre, em seu texto “Sobre o conceito da história”, que no presente há a possibilidade de encontro dos tempos passados, havendo um resgate de memórias e experiências que se entrelaçam com o aqui e o agora e possibilitam a busca por pontos de intersecção entre passado, presente e futuro. Dito isso, dou continuidade à escrita trazendo fragmentos histórico-afetivos do Festival Toni Cunha, o qual se inscreve na cidade de Itajaí no ano de 2007 e evidencia a potência cultural da cidade, sobretudo em relação ao movimento teatral.

Conforme apontado anteriormente, o Festival de Teatro Toni Cunha foi organizado objetivando um alcance nacional, ou seja, promover apresentações de companhias de todo o território brasileiro, não somente de Itajaí. Sendo assim, sua expansão e dimensão artístico-cultural propiciou a vinda à cidade de artistas de estados das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil, consolidando o campo do teatro na cidade de Itajaí e possibilitando trocas entre linguagens teatrais de diferentes dramaturgias regionais (HERNÁNDEZ, 2000).

A imagem que se vê na Figura 4 apresenta o cronograma da 1ª edição do festival, na época intitulado por I Festival Brasileiro de Teatro de Itajaí, no qual constam os espetáculos e suas companhias. Na primeira edição da mostra, 10 estados mais o Distrito Federal estiveram representados, com o seguinte número de companhias teatrais: SC (1), PA (1), PR (1), PB (1), MT (1), SP(2), CE(2), RJ(2), RS (2), MG(2) e DF(3).

Figura 4 – Cronograma do “I Festival Brasileiro de Teatro de Itajaí”

I Festival Brasileiro de Teatro de Itajaí									
Local	Sexta /02	Sábado/03	Domingo/04	Segunda/05	Terça/06	Quarta/07	Quinta/08	Sexta/09	Sábado/10
Teatro Municipal	Morgue Story (PR) 21h	No ritmo das Fábulas (DF) 17h	Chapeuzinho Vermelho (SP) 17h	Galvota – Tema para um conto curto (RJ) 21h30	A descoberta das Américas (RJ) 21h	Por Elise (MG) 21h	O realejo (CE) 21h	Nu Nery (PA) 21h	E o céu uniu dois corações (SC) 21h.
Pátio da Casa da Cultura			Performance Beckett (DF) 23h.	Silêncio Total – Vem Chegando Um Palhaço (PB) 17h.				Histórias da Carrocinha (RS) 17h	
Praça Vidal Ramos			Histórias de Teatro e Circo (CE) 11h.		Encaixotando Shakespeare (MT) 11h.				Êh Boi (MG) Saída 11h.
Em Frente à Casa da Cultura					Circo Minimal (RS) 16h	Circo Minimal (RS) 16h	Circo Minimal (RS) 16h	Circo Minimal (RS) 16h	
Teatro da Casa da Cultura		Crimes delicados 13h	Rock, Lambada, Samba e Rock'n roll 13h	O defunto 13h	O menino maluquinho 13h	Magalhães e Dinossauros (DF) 19:30h.	A casa da história 19:30h.	Senta que lá vem história 13h	O menino do uedó verde 13h
Sala de Plano da Casa da Cultura						Hysteria (SP) 18h	Hysteria (SP) 18h	Hysteria (SP) 18h	
Museu Histórico de Itajaí				Borboletas de Sol de Asas Magoadas (RS) 23h.	Borboletas de Sol de Asas Magoadas (RS) 23h.	Borboletas de Sol de Asas Magoadas (RS) 23h.	Borboletas de Sol de Asas Magoadas (RS) 23h.		
Centro Grande Hotel		Encontro de Grupos 10h Palestra: Walter Lima Torres 15h	Encontro de Grupos 9h Palestra: Luiz Carlos Vatozcelos 15h.	Encontro de Grupos 10h Palestra: Luiz André Cherubini 15h.	Encontro de Grupos 9h Palestra: Maria Helena Künner 15h	Encontro de Grupos 10h.	Encontro de Grupos 10h.	Encontro de Grupos 10h. Mesa com Núcleo dos Festivais It. 15h	Encontro de Grupos 9h e 15h
Centro de Cultura Popular (Mercado Velho)	Ponto de Encontro 23h	Ponto de Encontro 23h	Ponto de Encontro 23h	Ponto de Encontro 23h	Ponto de Encontro 23h	Ponto de Encontro 23h	Ponto de Encontro 23h	Ponto de Encontro 23h	Ponto de Encontro 23h
	Mostra Nacional	Mostra Local	Encontro de Grupos e Palestras	Ponto de Encontro com Show de MPB					

Fonte:Arquivo pessoal

Numa cidade litorânea como Itajaí, cercada por navios e praias, com cerca de 180 mil habitantes em 2007, é possível imaginar o que significou para a cultura local a vinda de tantos artistas de diferentes regiões. Afinal, os festivais de teatro, para além de mostras, são considerados, em sua origem, “dimensões sociais e políticas” (FERRAZ, 2019, p.125), pois condensam o que há de mais inflamado no tecido social e o apresenta, de maneiras singulares e icônicas, a quem quiser consumir. Sendo assim, os festivais alimentam o povo e também provocam incômodo, produzem marcas e legitimam os trabalhos dos/as artistas (FERRAZ, 2019). Vejamos o que produziram os Festivais Itajaí em Cartaz e Toni Cunha no corpo da cidade.

## 5 Marcas dos Festivais de Teatro na cidade-palco Itajaí

A partir da ideia de estrangeira na cidade, ando por Itajaí como se estivesse pisando pela primeira vez em um palco. O palco e a cidade são compostos por marcas do tempo e por diferentes odores, sons e ruídos que ficam entranhados em seus tecidos constitutivos e servem tanto de passagem, como de partida. Entre passagem e partida existe a permanência, ainda que temporária, e escolhi permanecer em Itajaí.

Nos 10 anos em que habito a cidade, já estive em contato com os dois festivais de teatro; porém, ainda afetada com a última edição do Festival Toni Cunha que aconteceu no mês de julho de 2022, após sua suspensão decorrente da pandemia da COVID 19, pedem passagem

nesta escrita algumas das marcas produzidas por essas afecções, principalmente no que tange a divulgação de informações a respeito das mostras. Apresentei algumas inquietações em relação a isso e, diante da insistente procura por registros, pergunto: quais os motivos que geram a dificuldade de acesso à história dos festivais?

Para além da marca instantânea que o festival provoca no corpo da cidade e no corpo de quem o assiste, os eventos deixam rastros de questões sociais efervescentes, mesmo que de forma breve, representando uma intensidade de força (FERRAZ, 2019). Questões relacionadas à política de gênero, às violências veladas e assuntos marginalizados, foram evidentes na edição de 2022 do festival, como no espetáculo “Corpos Turvos”, do coletivo CIDA, vindo da cidade de Natal/ RN: o coletivo problematiza, através da dança, a invisibilização de corpos pretos, corpos com alguma deficiência, pobres, periféricos, soropositivos e corpos que constituem a comunidade LGBTQIAP+.

Outro espetáculo que provocou reflexões e produziu marcas em meu corpo apresentado na 10ª Edição do Festival Itajaí em Cartaz, no ano de 2016, foi “O Açougueiro”, do grupo “O Poste Soluções Luminosas” (Recife/PE), o qual traz em seu enredo composições sobre preconceito e coerção social no nordeste Brasileiro (FUNDAÇÃO CULTURAL DE ITAJAÍ, 2023a).

Somando-se aos espetáculos, existem as rodas de conversa, intituladas “Café Criativo”, como cita a Fundação Cultural de Itajaí (2023a), as quais se configuram como espaços que promovem o diálogo e dinâmicas com os grupos de teatro e espectadores. Nesse intercâmbio de ideias, reflexões e trocas potentes entre linguagens cênicas de diferentes territórios acabam sendo produzidas.

A importância das rodas de conversas é incontestável; porém, quando pesquiso a respeito das edições passadas dos festivais, me deparo apenas com cronogramas, algumas licitações e contratos. Deveras são informações importantes, mas somente essas são dignas de registro e preservação? Ademais, a quem é de responsabilidade o registro e salvaguarda dessas informações outras? Há certamente um esquecimento em relação aos entres, ao que acontece nos bastidores e interstícios das programações oficiais. Um esquecimento talvez não intencional, mas que produz seus efeitos.

Sendo assim, percebe-se que o emudecimento dessas informações é, de outro modo, uma forma de apagamento da história cultural da cidade, tanto local como nacional, pois ao passo em que se perdem registros sobre os movimentos artísticos que acontecem na urbe, também se banaliza a luta de quem tanto fez para que os projetos pudessem acontecer. E aqui saliento a luta da classe artística representada pela Câmara Setorial de Teatro, a qual é uma

instância governamental encarregada de discutir questões sobre assuntos específicos, promovendo debates sobre políticas públicas da área de interesse (FUNDAÇÃO CULTURAL DE ITAJAÍ, 2023b).

Foram os artistas locais que fizeram um movimento outro que, de certo modo, resistiu a esse esquecimento seletivo, viabilizando a comunicação com a população através de *blogs online*. Foi através destes *sites* que consegui me aproximar dos debates éticos e políticos de cada edição das mostras teatrais. Além da preservação de políticas artísticas, estes mesmos artistas possibilitam ao público o acesso à história da arte na cidade.

Importante destacar que as apresentações que se produzem na cidade através do teatro, como as oportunizadas pelos festivais aqui analisados, ou de outras linguagens e movimentos artísticos, criam espaços de sensibilidades, promovendo uma estética do lugar; lugar este formado por fluxos, cores, esquinas, paisagens que se comunicam, atravessam e deixam impregnadas marcas em quem por ali passa (ZANELLA, 2020). A própria rua, passagem para um destino específico, se apresenta como uma veia da cidade, constituindo pontes entre lugares de existência. O teatro, enquanto habitante desse corpo-cidade, já deixou e continua deixando registros, pistas e efeitos lavrados cotidianamente pelos artistas locais. Mesmo que não haja um sistemático registro da história dos festivais na cidade, eles deixam marcas que se configuram como rastros, pistas de um passado e de um futuro que há por vir.

Questiono também a diferença de expansão e divulgação dos festivais de teatro realizados em Itajaí. Em primeiro plano, reitero a dificuldade para encontrar informações a respeito de ambos os festivais; porém, ainda mais inacessível foi encontrar registros sobre o Festival Itajaí em Cartaz. Em minhas buscas, tanto em documentos oficiais como extraoficiais, obtive maior aproximação com o Festival Toni Cunha por ainda acontecer na cidade e disponibilizar materiais recentes.

Cabe registrar que ambos os festivais são políticas culturais da cidade, porém, cada qual com uma dimensão estética, política e singular. O Festival Itajaí em Cartaz afirma a prática cultural que acontece na urbe através da arte local; enquanto o Festival Toni Cunha se afirma com uma projeção nacional. Bin (2018, p. 549) afirma que “a realidade global também é influenciada pelo que acontece localmente” e continuo nessa perspectiva dizendo que regional e nacional, local e global, dialogam dialeticamente, possibilitando abertura e, ao mesmo tempo, o fortalecimento de um espaço que é próprio da cidade. Ou seja, pensar na política cultural enquanto prática de visibilidade também evidencia a tentativa de conectar artisticamente Itajaí a um contexto macropolítico nacional, realçado no próprio nome da primeira edição da mostra: I Festival Brasileiro de Teatro de Itajaí, diferente do Itajaí em Cartaz.

Deleuze e Guattari (1996, p.90) discorrem que “tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica”, esferas que recortam a realidade e agem inseparavelmente. Contudo, mesmo entendendo esse movimento relacional, parece que ainda existe, na história do teatro na cidade, uma separação, uma distância cunhada por projetos e expectativas diferenciadas. Partindo disso, percebe-se a tentativa de afirmação política territorial que existe na divulgação de ambos os festivais, sobretudo no primeiro, de abrangência nacional.

## **6 Lugares de acontecimentos: quais territórios os Festivais de Teatro ocupam e que público os acessa?**

Itajaí é uma cidade com políticas públicas culturais que estabelecem a preservação de patrimônios municipais. A Fundação Cultural de Itajaí é uma das instituições que desempenha um papel importante em relação a continuidade e desenvolvimento de práticas culturais no município, promovendo pesquisas, produções e projetos para toda a sociedade. Além disso, tem como objetivo preservar a memória das artes visuais, da produção audiovisual, do circo, da dança, da literatura, da música, do teatro e demais manifestações culturais do município. Foi instituída pela Lei Municipal nº 3240 de 26 de dezembro de 1997 e administra 4 órgãos do município, são eles: a Casa da Cultura Dide Brandão, o Centro de Cultura Popular – Mercado Público, o Teatro Municipal de Itajaí e o Conservatório de Música Popular de Itajaí (FUNDAÇÃO CULTURAL DE ITAJAÍ, 2023a).

A importância da Fundação Cultural de Itajaí é mencionada no *site* da própria instituição (FUNDAÇÃO CULTURAL DE ITAJAÍ, 2023a), ressaltando que, no decorrer dos anos, a instituição se constituiu como a maior agente cultural do município pois, além de facilitar as produções artísticas, administra os programas culturais que acontecem na cidade. A sociedade, a classe artística e a fundação cultural agem em conjunto, construindo diálogos e debates sobre as políticas e ações culturais da cidade já ativas, além do desenvolvimento de novos projetos de incentivo e valorização das atividades artístico-culturais para a população.

Espaços como esses, nos quais se preservam a memória, são eles mesmos patrimônios da cidade, assim como o são os registros dos eventos artísticos culturais. São através das vozes tramadas na urbe e salvaguardadas que a história se apresenta aos transeuntes, constituindo o registro físico e simbólico do que aconteceu em seus territórios (ZANELLA, 2020). Mas muito mais acontece nas cidades e que não é objeto de salvaguarda oficial, o que reitera a importância

de se escavar, como nos ensina Benjamin (1994), a história a contrapelo, perscrutando rastros dessas vozes emudecidas.

As atividades dos Festivais de Teatro de Itajaí acontecem principalmente em dois espaços dirigidos pela Fundação Cultural de Itajaí: a Casa da Cultura Dide Brandão e o Teatro Municipal. Para além desses locais instituídos como órgãos públicos culturais da cidade, outros espaços também viraram cenário de espetáculos na 7ª edição do Festival de Teatro Toni Cunha, realizada no mês de julho de 2022: as apresentações aconteceram no Teatro Municipal, na Itajaí Criativa-Residência Artística, no Centro de Artes e Esporte Unificados das Artes (CEU), na Vila Sete Zero Cinco – Casa de Arte, na Praça Arno Bauer e na Biblioteca Central Comunitária da Univali (FUNDAÇÃO CULTURAL DE ITAJAÍ, 2023a). Ou seja, as atividades artístico-culturais, em sua dimensão social, também estavam presentes em espaços outros da urbe que não os reconhecidos oficialmente como instituições culturais.

Ao sair de locais privados e ir para locais públicos, o festival de teatro lança holofotes para lugares como a praça central da cidade. Um modo de visualizá-la como palco, de alçá-la a outra condição e oportunizar o acesso às atrações do festival para um público outro. A iniciativa provoca certamente ruídos na cidade, institui possibilidades outras de encontro com a arte, borra fronteiras historicamente estabelecidas em relação a quem tem seu direito de acesso. Indagome novamente sobre a ocupação da arte na cidade: que lugares outros podem vir a ser ocupados por manifestações artísticas? O que se apresenta como obstáculo para a expansão territorial da arte?

Outra questão a ser problematizada diz respeito ao fato de que os festivais de teatro em Itajaí acabam sendo predominantemente acessados pelos mesmos públicos: aqueles que têm historicamente acesso aos lugares culturais da cidade; aqueles que constituem a classe teatral ou que mantêm uma aproximação direta com o movimento artístico. Trata-se de uma questão complexa que chama atenção para o fato de que o movimento artístico, visto como um dispositivo de tensionamento da realidade, também carrega em sua esfera política a necessidade de alargar o que se mantém como central e oferecer espaços outros de acesso àquilo que se localiza à margem do corpo central da urbe. Vale a pena olhar com maior atenção para essa questão.

## 7 Inacabamentos

A pesquisa realizada possibilitou compreender que o encontro entre a arte e a cidade fomenta (in)visibilidades, tensionando problemáticas do campo político-social enraizadas, e escancaradas, na cartografia da urbe. Mesmo com a escassez de documentos em lugares de preservação oficial da memória e da história da cidade, ainda permanecem rastros de suas presenças e efeitos, os quais procurei expor nesta escrita.

Ressalto que durante a minha flânerie encontrei dificuldade para localizar documentos oficiais e extraoficiais sobre os festivais de teatro. Fui em busca deles em diferentes lugares, físicos e virtuais. Grande parte das documentações encontradas foi proveniente de arquivos privados de artistas da cidade e páginas virtuais das companhias locais.

Partindo disso, reflito que uma das questões importantes que emerge da pesquisa é o fato de que, apesar de ambos os festivais serem políticas culturais da cidade, não aparecem com relevância no arquivamento histórico. Quando busquei pelos materiais que possibilitaram compor a pesquisa, vi-me despertando uma memória cultural no corpo da cidade. Percebo que minha insistência gerou certo incômodo em alguns órgãos municipais, evidenciado com a pergunta que ecoava com minha presença: “De novo, ela?”

O silenciamento oficial levou-me a percorrer diferentes cantos da urbe, perscrutando pistas; caminhei por itinerários conhecidos e desconhecidos; observei marcas e registros que se apresentam como cicatrizes na cidade-corpo. Os festivais, a arte teatral no geral, está impressa nos prédios através de cartazes, lambes, na universidade constam as antigas programações e chamadas dos espetáculos, nas ruas, esquinas, outdoors, praças, nos corpos que transitam, visitam, passeiam e permanecem na urbe.

Nessa trajetória, também percebo que as instituições de acesso às políticas estão localizadas em locais específicos da cidade. É na parte central que a Casa da Cultura Dide Brandão, o Teatro Municipal e a Fundação Cultural de Itajaí estão estabelecidas; portanto, questiono sobre o acesso à arte e quais os públicos frequentam os festivais de teatro e outras manifestações culturais. Compreendo como uma possível lacuna na política cultural de Itajaí tal centralização, sendo necessário fazerem-se esforços no sentido de descentralizá-la desses espaços e expandi-la pra outros territórios da cidade.

Em suma, apesar da escassez de documentos em lugares de preservação oficial da memória e da história da cidade, permanecem rastros desses festivais no corpo da cidade. Os artistas têm contribuído fortemente a esse processo de preservação da memória artística de Itajaí, mantendo em arquivos pessoais documentos e registros do movimento cultural. Conclui-

se que, ao mesmo tempo em que os festivais analisados buscam alargar sua presença para espaços outros da cidade, continuam sendo desafios a serem superados o acesso aos espetáculos e a salvaguarda oficial de registros. Interpelada ainda por esses e outros questionamentos, entendo que pesquisas futuras são necessárias para compreender o que produziu e mantém esse cenário e indicadores para sua modificação. Deixo aqui algumas reticências para que próximos caminhos sejam trilhados, para que capítulos outros da história dos festivais de teatro em Itajaí sejam escritos.

## Referências

- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BIONDILLO, Rosana. **Walter Benjamin e os caminhos do flâneur**. 2014. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2014.
- BIN, Daniel. O global e o local na pesquisa sociológica. **Sociedade e Estado**, v. 33, n. 2, p. 541-564, ago. 2018.
- BRITO, Marcelo Sousa. As vias e veias da cidade. **Pitágoras 500**, v. 6, n. 2, p. 41-50, dez. 2016.
- CARMO, André. Cidadania em espaços (sub)urbanos: o teatro do oprimido no alto da cova da moura e no vale da amoreira. **Sociedade e Estado**, v. 33, n. 2, p. 581-603, ago. 2018.
- DELEUZE, Gilles. O ato de criação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 1-15, jun. 1999.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- FERRAZ, Leidson Malan Monteiro de Castro. CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DOS FESTIVAIS DE TEATRO NO BRASIL. **Arteriais**, v. 9, p. 124-142, dez. 2019.
- FUNDAÇÃO CULTURAL DE ITAJAÍ. **Notícias**. Itajaí, 2015. Disponível em: <https://itajai.sc.gov.br/noticia/12776/iv-festival-brasileiro-de-teatro-toni-cunha-comeca-na-proxima-semana#.Y-TocXbMLIV>. Acesso em 07 fev. 2023.
- FUNDAÇÃO CULTURAL DE ITAJAÍ. **Programas e projetos**. Itajaí, 2023a. Disponível em: <https://fundacaocultural.itajai.sc.gov.br/>. Acesso em 07 fev. 2023.
- FUNDAÇÃO CULTURAL DE ITAJAÍ. **Setorial de Teatro e Circo**. Itajaí, 2023b. Disponível em: <https://fundacaocultural.itajai.sc.gov.br/>. Acesso em 07 fev. 2023.
- GAGNEBIN, Jean Marie. **Walter Benjamin: os cacos da história**. 1. ed. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- HERNÁNDEZ, Márcia Maria Strazzacappa. A importância dos festivais na formação do artista. **Bibl. Prof. Joel Martins**, Campinas, v. 2, n. 1, p. 1-7, out. 2000.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Itajaí. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/itajai/panorama>.
- KASTRUP, Virginia; ESCOSSIA, Liliana; PASSOS, Eduardo (org.). **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Elton Silva; BAPTISTA, Luis Antonio dos Santos. Ruídos e silêncios de um corpo na cidade: paradoxos da produção da diferença no contemporâneo. **Psicol. rev.** (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 374-391, ago. 2016.

ROLNIK, Suely. **Geopolítica da cafetinagem**. São Paulo: PUC, p. 1-13, maio 2006.

SELIGMAN-SILVA, Márcio. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. **Proj. História**, São Paulo, p. 71-98, jun. 2005.

SILVA, Priscilla Stuart da. O flâneur e as passagens parisienses: no limiar entre o real e o onírico. **Saberes**, Natal, v. 1, n. 14, p. 263-278, out. 2016.

ZANELLA, Andréa Vieira. **Arte e cidade, memória e experiência**. Teresina: Edufpi, 2020.

## ARTIGO 3

### **Cidade-Corpo: A arte teatral que a habita**

#### RESUMO

O objetivo desta pesquisa consiste em analisar o modo como artistas integrantes de 3 companhias de teatro da cidade de Itajaí, Santa Catarina, compreendem as relações do teatro com a cidade. Para seu desenvolvimento, foi realizado o mapeamento dos grupos de teatro de Itajaí: foram identificadas todas as companhias de teatro que nasceram na cidade; há quanto tempo; se ainda permanecem na ativa; as edições dos festivais de teatro “Itajaí em Cartaz” e “Toni Cunha”. Em seguida, procedeu-se à escolha das companhias participantes da pesquisa, seguindo como critérios de inclusão: ao menos 10 anos de atuação; participação em 5 edições ou mais em ao menos um dos festivais de teatro municipais. Com esses critérios, identificaram-se os seguintes grupos: “Téspis Cia de Teatro”; “Cia Experimentus Teatrais” e “Produtora Anchieta Arte Cênica”. Com os grupos escolhidos, a partir da perspectiva cartográfica, foram realizadas entrevistas, as quais foram filmadas e microfonadas. As análises compreenderam 3 eixos de discussão, teatro, cidade e corpo, e fundamentaram-se em discussões de autores que estudam a trama cidade, teatro e corpo, como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault, Suely Rolnik, entre outros/as. Os resultados evidenciam a cidade como um espaço de possibilidade de trabalho, aprendizado e resistência para os atores, sendo constituinte da identidade das companhias e dos artistas.

**Palavras-chave:** cidade; teatro; corpo; festival de teatro; cartografia.

## **City-Body: The theatrical art that inhabits it**

### **ABSTRACT**

The aim of this research is to analyze how artists from 3 theater companies in the city of Itajaí, Santa Catarina, understand the relationship between theater and the city. For its development, in the first one, the mapping of Itajaí theater groups was carried out: I identified all the theater companies that were born in the city; how long; if they still remain active; editions of the theater festivals “Itajaí em Cartaz” and “Toni Cunha”. Then, the companies participating in the research were chosen, following the inclusion criteria: at least 10 years of operation; participation in 5 editions or more in at least one of the municipal theater festivals. With these criteria, I identified the following groups: “Téspis Cia de Teatro”; “Cia Experimentus Teatrais” and “Produtora Anchieta Arte Cênica”. With the chosen groups, from the cartographic perspective, interviews were carried out, which were filmed and microphoned. The analyzes comprised 3 axes of discussion, theater, city and body, and were based on discussions by authors who study the city, theater and body plot, such as Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault, Suely Rolnik, among others. The results show the city as a space for the possibility of work, learning and resistance for the actors, being a constituent of the identity of companies and artists.

**Keywords:** city; theater; body; theater festival; cartography.

## 1 Introdução

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá mas não pode medir seus encantos. A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem nos encantos de um sabiá. Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare.

(Manoel de Barros, 1996, p.53)

Dou início a este trabalho trazendo uma poesia de Manoel de Barros, escrevendo, desde já, que o que será discutido aqui entrelaça-se às minhas experiências como artista teatral, psicóloga e pesquisadora. Confesso que o processo de escrita reverbera inquietações e apertos no peito, pois as ideias se emaranham obliterando a tentativa de organizá-las e traduzi-las em palavras. Chega a ser até paradoxal, pois a sensação de querer colocar no papel é tão grande quanto a necessidade do recorte. Reconheço-me em Vigotski (2004, p.55) quando o autor escreve, em seu texto “Os suplícios da criação”, que “criar é difícil”, pois o processo de materializar na palavra aquilo que pulsa em sentimento é um trabalho árduo, por vezes, impossível. O que se faz é chegar perto; esmiuçar, na teia de conceitos, algo que possa ao menos estar próximo do que se tenta expressar. Sendo assim, tentarei conduzir este artigo como o teatro me conduz: experienciando novas zonas de encontros e de possibilidades.

Empreendo aqui uma discussão sobre a cidade percebida de forma sensível: não apenas vista pelas suas edificações, vias e representações gráficas, mas compreendida através dos contrastes que demarcam territórios subjetivos, mapeados por histórias e partilhas (RODRIGUES; BAPTISTA, 2010). Ao discutir sobre cidade, procurando olhar além do espaço puramente físico que a compõe, atento para os eventos que acontecem em suas vias, becos e esquinas, os (des)encontros, afetos, as linguagens artísticas que se entrecruzam com a paisagem urbana, os sons, os vestígios de um passado que se fazem presentes e que marcam os acasos diários.

Se pararmos durante alguns minutos em uma das ruas da cidade que habitamos e direcionarmos o nosso olhar – ao invés do ângulo reto, curvarmo-nos 45 graus ou mais para cima – teremos outra dimensão daquele espaço. Em metrópoles contemporâneas, veremos grafites, lambes, *stencils*, colagens, pinturas, retratos, montagens, cores... Em cidades de maiores dimensões, edifícios rasgando o azul do céu e instituindo novos modos de habitar. São

intervenções no espaço que se caracterizam como arcabouços de memórias ou, como Walter Benjamin escreve, cacos das histórias que ali ficam materializados como cicatrizes em um corpo (GATTI, 2009).

O corpo-cidade revela-se como um campo de permanência, travessia e vizinhança, marcado por uma estética e desejos sociais que nele são produzidos. A geografia cidadina se entrelaça com os territórios que são ali instaurados, bem como com as marcas subjetivas que vão sendo inscritas em tempos/espaços variados. Uma cidade que acontece em seus contrastes, tecidos sociais, inúmeras transformações, processos de vir a ser que conotam um inacabamento, reticências, lugares de existências (PASQUALOTTO; ZANELLA; FONSECA, 2020).

Nesse corpo-cidade, a arte acontece de modo vivo, orgânico e vibrátil. O teatro, linguagem artística foco desta pesquisa, habita a cidade, ou melhor, a cidade é o seu próprio *habitat* (SEQUEIRA, 2015). É arte que se faz presente e se inscreve como memória de um município, de uma localidade; que resiste às políticas de produção de memórias hegemônicas, instituindo vozes outras na paisagem urbana; existe como constituição estética de um sujeito urbano que, em sua turbulência cotidiana, acaba sendo flagrado, captado pela arte que constitui o corpo-cidade e o constitui (FURTADO; ZANELLA, 2007).

A tessitura cidade-corpo-arte consiste em foco deste artigo, o qual tem como objetivo analisar o modo como artistas integrantes de 3 companhias de teatro da cidade de Itajaí, Santa Catarina, compreendem as relações do teatro com a cidade. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi adotada a perspectiva cartográfica, a qual, segundo Tedesco, Sade e Caliman (2013), compreende estratégias de acesso às experiências que são interpeladas por relações de poder e de força, emergidas no discurso.

Escolhi Itajaí como campo de pesquisa por ser a cidade na qual resido e onde o teatro se tornou mais potente em minha vida. Escrevo este artigo como estrangeira que sou, mas que, ao habitar Itajaí, participando de sua configuração, percebi-me partilhando das políticas culturais locais. Isto é, em minha relação com a cidade, fui aproximando-me dos grupos de teatro, capturada pela arte, pela urbe, pela comunidade e por outras estéticas da existência; percebendo-me como outro corpo, totalmente diferente daquele quando cheguei. Justamente devido à intensidade de afetos que acontecem entre meu corpo e o corpo da cidade que habito e que me habita, a escolhi para ser meu solo de reflexões, de pesquisa e de trabalho. Além do mais, nesse lugar nasceram, em 2007, dois festivais de teatro – “Itajaí em Cartaz” e “Festival Brasileiro Toni Cunha” – que intensificam a produção teatral municipal, colocando em cena questões contemporâneas efervescentes.

## 2 Sobre o caminho da pesquisa e as escolhas metodológicas

Toda pesquisa acontece durante o seu processo, assim como a escrita (ZANELLA, 2013). É durante esse caminho, nos encantos com muitos outros, que desconfortos e questionamentos são gerados, criando vulnerabilidades, pontos de interrogação, novos questionamentos, arestas e interpelações. Existem vários caminhos possíveis para delinear o ato de pesquisar, contudo, só se sabe o que gera um bom encontro no acontecimento da partilha (ESPINOSA, 2009).

A fim de responder ao objetivo da pesquisa – analisar o modo como artistas integrantes de 3 companhias de teatro da cidade de Itajaí compreendem as relações do teatro com a cidade – realizei, em um primeiro momento, um mapeamento dos grupos de teatro de Itajaí (Anexos C, D e E): identifiquei as companhias de teatro que nasceram na cidade; há quanto tempo; se ainda permanecem na ativa; as edições dos festivais de teatro “Itajaí em Cartaz” e “Toni Cunha”, importantes eventos artístico-culturais realizados na cidade desde 2007; os grupos mapeados que deles participaram.

Para a construção desse mapa realizei buscas no Arquivo Público da cidade, na Biblioteca Pública, na Casa Lins – Centro de Documentação e Memória de Itajaí. Procurei também informações sobre as companhias de teatro em páginas oficiais *online* do município, nos jornais locais “Diarinho” e “O Município” e em *blogs* alimentados pelos/as artistas itajaienses.

Inicialmente, entrei em contato com a Fundação Cultural Itajaiense perguntando se já existia algum mapeamento desses grupos teatrais, contudo, o retorno não foi feliz. Fui informada de que em função das mudanças na gestão, os documentos acabaram se perdendo, o que dificultou o processo da pesquisa nesse primeiro momento. Continuando em busca de informações, encontrei um *e-book* intitulado “Teatro em Itajaí: Um panorama histórico-afetivo” (2021), dos autores Karoline Gonçalves e Afonso Nilson, desenvolvido a partir das histórias das companhias do município. Os autores apresentam um panorama cronológico e ao mesmo tempo afetivo e simbólico da cena teatral na cidade, narrando episódios principais de cada grupo desde seu surgimento até a atualidade.

Além desse *e-book*, estive em contato direto com algumas pessoas da Setorial de Teatro, dentre elas, Mauro Filho, artista membro da Karma Cia. de Teatro, o qual foi solícito em relação às minhas demandas e aberto para possíveis diálogos a respeito da pesquisa. Valentim Schmoeler, fundador da produtora teatral Anchieta Arte Cênica e do grupo Bagagem Cênica Cia de Teatro, foi relevante para o resgate histórico dos grupos teatrais de Itajaí, bem

como dos registros dos festivais Toni Cunha e Itajaí em Cartaz. Ambos os grupos estão há mais de 30 anos na cidade produzindo teatro e oportunizando espaços para cursos cênicos à população.

Após o mapeamento dos grupos teatrais da cidade, procedi à escolha das companhias de teatro participantes da pesquisa. Para tanto, utilizei como critérios de inclusão: ao menos 10 anos de atuação; participação em 5 edições ou mais em ao menos um dos festivais de teatro municipais referidos. Com esses critérios, identifiquei os seguintes grupos: Téspis Cia de Teatro, Cia Experimentus Teatrais, Grupo Porto Cênico e Produtora Anchieta Arte Cênica.

Concluída a escolha das companhias, foram feitos convites, através de contato telefônico, aos artistas dos grupos para participarem da pesquisa, apresentando-me e explicando do que se tratava. Os grupos que se interessaram em participar receberam via e-mail o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)<sup>21</sup>. Téspis Cia de Teatro, Cia Experimentus Teatrais e Produtora Anchieta Arte Cênica aceitaram participar; o Grupo Porto Cênico acabou não integrando a pesquisa porque não recebi retorno da equipe em tempo hábil.

Foram realizadas entrevistas com integrantes dos 3 grupos teatrais, as quais compreenderam 3 eixos de discussão, teatro, cidade e corpo, com algumas perguntas norteadoras. Na perspectiva cartográfica, escolha estratégica, a entrevista parte do diálogo como princípio básico, tendo, através da linguagem, acesso às experiências do interlocutor. Tedesco, Sade e Caliman (2013) relatam que no discurso o sujeito traz reflexões sobre suas vivências, memórias, lembranças de vida e conteúdo que emergem de planos comuns, ou seja, “coletivo de forças do qual advêm todos os conteúdos representacionais. Esses dois planos não são excludentes, funcionam em reciprocidade” (TEDESCO, SADE, CALIMAN, 2013, p. 302).

A primeira entrevista aconteceu com a Cia Experimentus, na sede da própria companhia, localizada no bairro Vila Operária. O casarão é conhecido como Vila Sete Zero Cinco, um espaço grande, cheio de vida, marcado por texturas diversas; em suas paredes grafitadas, a tinta e o estêncil marcam presença. Participaram da entrevista, com duração de um pouco mais de 2 horas, 2 artistas, Marcelo e Daniel.

A segunda entrevista foi realizada com Valentim, artista fundador dos grupos de teatro Bagagem Cênica e AECA (Alunos do Exercício Cênico Anchieta). O local da conversa foi o palco da Casa da Cultura Dide Brandão. Localizada no centro de Itajaí, a instituição é um espaço cultural que, além de manter diversas atividades artísticas no município, oferece cursos para toda a população de forma gratuita (FUNDAÇÃO CULTURAL DE ITAJAÍ, 2023). A

---

<sup>21</sup> A pesquisa foi aprovada pelo CEPESH e os participantes autorizaram suas identificações.

entrevista durou 1 hora e 15 minutos e se caracterizou pela partilha de memórias em um diálogo preñado de afetos.

A entrevista com a Téspis foi realizada na Itajaí Criativa, sede do grupo, com Denise e Max, artistas fundadores. O casarão rosa, perto do porto da cidade, é uma marca cultural de Itajaí. O chão de tacos de madeira e o pé direito alto constituem o espaço físico e a acústica peculiar. A voz ecoa ali. Em tempo linear e cronológico, a entrevista durou cerca de 2 horas, porém, pensando a partir de Benjamin, autor com conceitos estudados por Spiga (2021), essas horas foram um “tempo-agora”, o *jetztzeit* marcado por histórias construídas a partir de minha experiência de artista, espectadora e pesquisadora.

Sobre as pessoas entrevistadas, é possível apontar algumas características: 4 homens e 1 mulher, todos/as adultos/as com idades entre 30 e 60 anos, predominantemente brancas e que atuam exclusivamente no ramo artístico.

Utilizei o diário de campo como instrumento para as anotações no decorrer das entrevistas e para o registro/produção de informações durante todo o processo de pesquisar. Segundo Rocha e Eckert (2008), o diário de campo é um dispositivo que possibilita materializar as observações e anotações do universo em que se está inserido. Além do diário de campo, os encontros com os grupos teatrais foram registrados através de filmagens realizadas com a colaboração de dois profissionais. Todas as entrevistas foram transcritas.

As análises das entrevistas fundamentaram-se em discussões de autores/as que estudam a trama cidade, teatro e corpo, como Gilles Deleuze (1999), Félix Guattari (1992) e Suely Rolnik (2006), entre outros/as. Embasaram-se metodologicamente na perspectiva da análise de discurso e na filosofia da diferença, buscando pensar qualquer enunciado sempre como rizoma emaranhado por relações de poder, linhas de intensidades, produções de singularizações e experiências vividas (DELEUZE; GUATTARI, 2004).

### **3 "Em Itajaí o Teatro pulsou mais forte em mim": sobre a escolha da cidade**

Itajaí é uma cidade reconhecida por seu porto, suas belas praias e eventos festivos, os quais constituem traços da cultura e da memória municipal (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAJAÍ, 2023). É uma cidade situada no litoral norte de Santa Catarina, com 226.617 habitantes, de acordo com o último censo do IBGE (INSTITUTO..., 2021). Em suas raízes registram-se, na historiografia oficial, a colonização por povos originários, sendo o próprio nome da cidade “Itajaí” herança dos tupi-guaranis, que significa “Rio das Pedras”. Também consta a colonização portuguesa e alemã, o que justifica um dos maiores eventos populares

locais, a Marejada, destacada como “a maior festa do pescado do Brasil”, segundo o *site* do próprio evento<sup>22</sup>.

Além deste, outros eventos culturais acontecem na cidade, como a Festa Nacional do Colono, em sua 3ª edição; o Festival de Música, reconhecido nacionalmente e considerado o maior evento do gênero do Estado, de acordo com a Prefeitura Municipal de Itajaí (2023). O Natal EnCanto é outra celebração que ocorre no município, atraindo a população para a chegada do Papai Noel e projeções artísticas no centro da cidade. Somam-se a estes os festivais de teatro Itajaí em Cartaz e Toni Cunha, eventos culturais com início em 2007. O festival Itajaí em Cartaz contou com 10 edições, sendo a última realizada em Junho de 2016; já o festival Toni Cunha, bianual, realizou sua 7ª edição em julho de 2022. Ambos caracterizam-se como políticas culturais da cidade promovidas pela Rede Itajaiense de Teatro junto à Fundação Cultural de Itajaí e à Prefeitura Municipal, tendo, em algumas edições, apoio da Federação Catarinense de Teatro (FECATE) e empresas privadas.

A cidade de Itajaí instiga a pesquisa sobre sua conjuntura artística, pois é um município catarinense que vem ganhando espaço e visibilidade no cenário nacional com os grupos teatrais locais. Segundo dados da Fundação Cultural de Itajaí (2023), a cidade conta com cerca de vinte grupos de teatro profissionais, dos quais metade são filiados à Rede Itajaiense de Teatro, associação que atua na defesa das políticas públicas para a cultura no município. A associação surgiu em 2009 com o intuito de somar forças para promover a profissionalização na linguagem teatral e novas formações de plateia.

Além do teatro, outras linguagens artísticas podem ser observadas na cidade, as quais estão vivas nas ruas, prédios e demais espaços que constituem a urbe. São sons, desenhos, grafites, lambes, performances, *stencils* que ocupam o espaço urbano e criam texturas, sons, linhas, cores, desenhando mapas afetivos e redes de conexões (DIÓGENES; CAMPOS; ECKERT, 2016).

#### **4 Sobre partilhas e encontros**

“Hoje, dia 19 de abril, faço minha primeira entrevista com o grupo Experimentus Teatrais. O Dani disse que estarão ele e o Marcelo, pois a Déia, a San e a Nat infelizmente não poderão participar. O dia está bem quente e estou um pouco nervosa, misto de sensações...espero que dê tudo certo”.

---

<sup>22</sup> Disponível em: <http://marejada.itajai.sc.gov.br/a-marejada/> 2022.

Apresento um excerto do meu diário de campo, escrito antes da realização da primeira entrevista, realizada em 19 de abril de 2022, com o grupo Experimentus Teatrais. Fui até a sede da companhia, localizada no bairro “Vila Operária”, lugar conhecido como “Vila Sete Zero Cinco-Casa de Arte”. Em frente à casa, há uma placa contendo a informação de que esta compõe o roteiro cultural da cidade de Itajaí; além de ser sede da Cia Experimentus, é também do Grupo Risco, Na Nuvem Teatro e NuAr Produções Musicais, inaugurada em 2016.

Assim que cheguei, fui recebida por Marcelo de Souza, artista integrante da companhia. Um pequeno corredor me levou a uma sala com chão de tatame; Marcelo explicou que aquele é um dos espaços nos quais se realizam os trabalhos de corpo dos artistas. Fui adentrando e conhecendo um pouco a sede. Fiquei impressionada com o tamanho da residência, pois além do espaço interno, há uma ampla área externa onde são realizadas algumas atividades artísticas. Nas paredes, há grafites e desenhos, os quais fazem parte de uma performance ali realizada. Thaís e Alisson, os profissionais responsáveis pelas filmagens e gravações das entrevistas, chegam e começam a montar os equipamentos em uma das salas em que há prateleiras de livros, alguns acessórios cênicos e escrivaninhas. Em seguida Daniel Olivetto, outro artista do grupo, chega e nos acomodamos para dar início à entrevista.

\*\*\*\*

“Segunda-feira, dia 02 de maio de 2022. Estou indo na Casa da Cultura fazer a entrevista com Valentim (...) Thaís disse que seria bacana fazer no teatro, no palco mesmo, a entrevista. Que saudade que eu estava do palco”. Resgato do meu diário de campo outro registro feito antes da segunda entrevista, realizada com o artista Valentim Schmoeler, fundador da produtora teatral Anchieta Arte Cênica e do grupo Bagagem Cênica Cia de Teatro. A entrevista aconteceu no teatro da Casa da Cultura Dide Brandão, o que movimentou afetos em mim, principalmente por estar diante de um de meus primeiros professores teatrais. Aquele palco tem muito suor e muita vida.

\*\*\*\*

“Que chuva é essa? Se na primeira entrevista tinha muito sol e estava calor, hoje tá uma chuva do cão. Bom, agora são 13:05, estou saindo de casa para ir na Itajaí Criativa fazer a terceira e última entrevista da dissertação com a Téspis. Estou confiante”. O excerto acima escrevi um pouco antes da última entrevista que realizei para a pesquisa, no dia 03 de maio de 2022, com a Téspis, na Itajaí Criativa, um espaço familiar. Já havia passado por ali algumas vezes, como espectadora, estudante, artista e, agora, na condição de pesquisadora. Senti que Denise da Luz e Max Reinert, artistas integrantes e fundadores da Téspis Cia de Teatro, ficaram

à vontade com minha presença, assim como com as câmeras e microfones ali dispostos. Logo, demos início aos diálogos.

## 5 O Teatro na vida, a vida dedicada ao trabalho com o teatro

“E a Experimentus a gente fundou e de repente a gente trabalhava com teatro, uma coisa muito louca”. Com esse discurso de Daniel Olivetto, artista da Cia Experimentus, abro a discussão sobre as relações teatro e vida para as pessoas com as quais conversei. Ao revisitar memórias, por vezes deixadas de lado por conta do frenesi cotidiano, lembranças são retomadas para o presente, para o aqui e o agora. Chauí (2000, p. 88) aponta que “as ideias, trazidas pela experiência, isto é, pela sensação, pela percepção e pelo hábito, são levadas à memória e, de lá, a razão as apanha para formar os pensamentos”. Nesse movimento de retomada do passado, de lembrar da experiência e tentar narrá-la, muitos efeitos se produzem e se intensificam no corpo, sobretudo quando a lembrança é carregada de afeto.

Nas entrevistas realizadas, o pontapé que alavanca o retorno às memórias se dá a partir da seguinte pergunta: Como vocês iniciaram no teatro e o que o teatro representa para vocês? Das 5 pessoas entrevistadas, 4 responderam sobre o início no teatro já a partir de uma relação profissional.

Eu comecei em 99, também sem uma pretensão de ser ator, fazer teatro, não pra me desinibir, mas porque eu queria fazer cinema. [...] no bairro que eu morava lá em Santos era perto do Sesi, de Santos, que era onde tinha o curso... era um bairrão, meio que Periferia[...] E aí eu comecei a fazer esse curso lá no Sesi, não gostei mas sempre fui ficando meio nos bastidores. E aí, até que pelos 17, quando eu decidi que eu queria fazer cinema, então, o povo falava: “então, cara! Vai começar a fazer teatro”. Então eu pensei em voltar a fazer aula com esse mesmo professor que fazia aula no Sesi. E aí comecei a fazer curso e logo me mudei para Itajaí, em 98, e quando foi 99, a gente fundou a Experimentus. Foi uma coisa muito rápida, assim, eu e a Sandra, a gente se conheceu no grupo de ex-alunos do Valentim, foi juntando uma galera e surgiu o grupo. E a Experimentus, a gente fundou e, de repente, a gente trabalhava com teatro, uma coisa muito louca. (Daniel Olivetto, artista da Cia Experimentus. Entrevista realizada em 19 de Abril de 2022).

Daniel discorre de seu desejo de trabalhar com cinema, porém, em função dos encontros e contextos cotidianos no qual estava inserido, a vida o aproximou do teatro. Assim como Daniel, Denise e Max também relatam em entrevista suas aproximações com o teatro e, logo em seguida, sobre a fundação da Téspis Cia de Teatro, que existe há 28 anos.

Eu comecei a fazer teatro em 1988. Na ocasião, aqui em Itajaí, só tinha pra gente poder iniciar ou ter algum contato com teatro o curso básico do Valentim, o curso do Anchieta, que na ocasião eu acho que participei da segunda ou terceira edição desse curso, que já tem mais de 30 anos, né [...] foi um encontro com algo muito forte para mim, eu me identifiquei [...] minha mãe ficou desesperada quando eu larguei a carreira

de professora para fazer teatro [...] quando a gente se apresenta, a gente sempre fala sobre o trabalho, mas o teatro hoje, nossa relação é inevitável, porque realmente eu não consigo definir onde termina e onde começa o teatro na minha vida [...] desde a fundação da Téspis eu e o Max nos aguentamos já há 28 anos. (Denise da Luz, artista fundadora da Téspis Cia de Teatro. Entrevista realizada em 03 de Maio de 2022).

É, então, eu trabalhava numa loja ali no centro, uma loja multimarcas [...] eu era muito tímido, aí as pessoas diziam “ah, porque não vai fazer um curso de teatro”. Eu fiz também o curso de verão na Casa da Cultura, o de 1992. E aí comecei a fazer ali espetáculo, Valentim [...] me convidou para fazer trabalho com ele durante um ano e aí comecei a trabalhar com ele esse tempo e logo depois eu conheci a Denise dentro do movimento da cidade, aí a gente tava no festival em Concórdia, Caçador [...]. (Max Reinert, artista fundador da Téspis Cia de Teatro. Entrevista realizada em 03 de Maio de 2022).

Diferente de Daniel, o discurso de Denise aponta para um desejo pelo teatro. Ela abre mão de um lugar já sabido, a docência, para trabalhar com o teatro, assim como Max que, nesse caso, foi movido por outra necessidade: a de superar a timidez. Os três entrevistados hoje se encontram na condição de atriz e ator, porém, nota-se pelos discursos que os motivos pelos quais entraram no teatro são distintos.

Daniel, Denise e Max nos possibilitam compreender o trabalho como produtor de singularização, pensando neste conceito como um dispositivo processual estético de re-criação de si mesmo (GUATTARI; ROLNIK, 1996). Ou seja, a partir dos relatos, visualiza-se que, apesar das diferentes motivações para a aproximação com a arte teatral, a relação que com elas estabelecem é narrada a partir da condição de trabalho para os artistas em questão, o que fica explícito no discurso de Daniel Olivetto: “eu falei da companhia porque contar minha história é meio que contar a história da companhia (risos)” (*sic*).

Os artistas entrevistados dedicaram suas vidas para a carreira artística, assim como Valentim Schmoeler, fundador da Anchieta Artes Cênicas, o qual revela ter iniciado no teatro em 1966 e até hoje não parou. Quando questionado sobre essa relação, o mesmo responde:

Eu amo o teatro, mas eu não gosto dessa frase. Eu e o teatro a gente se dá bem, eu acho que a gente se completa e a gente é feliz juntos. Eu e o teatro, essa caixa cênica aqui para mim é um sacrário teatral, esse palco da Casa da Cultura [...] então eu tô feliz aqui e eu sinto essa mesma energia daqui quando eu entro. Esse conforto... (suspiro) isso me faz bem. (Valentim Schmoeler. Entrevista realizada em 02 de Maio de 2022).

No discurso de Valentim, evidenciou-se como o teatro é agente ativo em sua vida, o que lhe permite estar na condição de ator, esta que o adjetiva. No contexto em que vivemos, o trabalho existe como ponto central na vida das pessoas. De acordo com Cenci (2012), é uma atividade vital que constitui identidades e tem uma função social importante: acessar a si e aos outros. Por assim dizer, o trabalho cria sentidos e produz singularizações, além de mediar relações e explorar outras dimensões de si. Nogueira (2009) discute a questão do trabalho

enquanto ponto central na vida do sujeito, promovendo autorrealização e inscrições territoriais. Nessa perspectiva, marcas, conteúdos e rastros de vida são deixados em espaços através do trabalho, costurando e transformando o tecido social.

Por sua vez, segundo Souza, Dugnani e Reis (2018), a dramaturgia, enquanto dispositivo de subjetivação do corpo, exerce papel fundamental na constituição de si, posto que através dela memórias e experiências de vida são tramadas. Não seria de menos, visto que o teatro, ou a arte em geral, é uma linguagem que comunica, enuncia e narra histórias de vida.

Noto nos discursos dos/as entrevistados/as que, junto à imersão no teatro, os artistas, muitas vezes, estão amalgamados à criação de suas companhias: histórias de criação do grupo e do/a artista em questão se entrelaçam. Através dessa relação quase que simbiótica, a companhia é resultado das características dos artistas que a criam e que dela fazem parte. Portanto, é limiar, quase imperceptível, a fronteira entre a criação do/a artista e a criação da companhia, pois ambos os movimentos acontecem simultaneamente.

As performances, histórias e narrativas criadas nas companhias nascem através dos corpos-artistas capturados por tantos outros corpos (FERREIRA; HARTMANN; MACHADO, 2017). Na experimentação de cada personagem, transformações operam na vida do/a ator/atriz, sendo transladadas para o coletivo; essa construção simultânea da vida diz respeito não somente ao artista mas também ao grupo de teatro que é afetado pelos efeitos alcançados nas criações.

A gente sabia que não queria repetir o que as pessoas, os artistas, faziam [...] a gente queria uma coisa diferente. Então, eu acho que nesse sentido o grupo foi meio que sempre nessa contra cultura, a gente era sempre “o que que tá sendo feito na cidade, vamos fazer diferente” pegar um outro caminho... (Max Reinert, artista fundador da Téspis Cia de Teatro. Entrevista realizada em 03 de Maio de 2022)

Criei o curso básico de teatro (CBT) né, que começou final de janeiro de 1985 até final de fevereiro de 86. Primeira turma, 45 alunos eu fiquei passado e aí a gente montou um espetáculo chamado “cenas” que eram vários tipos de cenas e foi maravilhoso e apresentamos em outros locais também, foi maravilhoso. E aí o curso básico de teatro não parou mais... (Valentim Schmoeler. Entrevista realizada em 02 de Maio de 2022).

Pelo que é possível compreender nos excertos apresentados, a atuação teatral de cada companhia anda por caminhos teóricos e performáticos singulares, e essa hibridez possibilita atingir diferentes públicos amantes da arte. O discurso de Max caracteriza a Téspis como companhia que carrega em sua trajetória artística desejos de ruptura, como corpo na cidade que cria caos e desestabiliza os julgamentos citadinos (ARTAUD, 1984). A Experimentus evoca caminhos diversos, desde o teatro/escola, acessando público infantil, a performance e o espetáculo tradicional.

Já o Alunos do Exercício Cênico Anchieta (AECA), conduzido pelo ator e diretor Valentim, localiza-se na cidade como espaço de aprendizado e oportunidade para jovens que desejam experienciar o palco e o teatro. Valentim oferta, desde 1985, o Curso Básico de Teatro (CBT), que ocorre duas vezes ao ano (janeiro e julho) e foi a primeira oportunidade de encontro com o teatro para muitos artistas itajaienses, inclusive Max, Daniel e Denise: “Mas o primeiro diretor que me colocou em cena no palco foi o Valentim, meu primeiro trabalho” (Daniel Olivetto, artista da Cia Experimentus. Entrevista realizada em 19 de Abril de 2022).

Eu comecei a fazer teatro em 1988. Na ocasião, aqui em Itajaí, só tinha pra gente poder iniciar ou ter algum contato com teatro, o curso básico do Valentim, o curso do Anchieta, que na ocasião eu acho que eu participei da segunda ou terceira edição desse curso, que já tem mais de 30 anos né. (Denise da Luz, artista fundadora da Téspis Cia de Teatro. Entrevista realizada em 03 de Maio de 2022).

Através do discurso de Denise, percebe-se que Valentim foi, e continua sendo, figura crucial na formação e expansão do movimento teatral na cidade de Itajaí. Além de ofertar cursos gratuitos ao público, através das políticas culturais de incentivo e principalmente pelo seu desejo na arte, promove a formação de artistas que até os dias atuais mantêm fortemente a cena artística na cidade.

## **6 As relações com a cidade: o teatro na cidade-corpo-arte**

Segundo Deleuze e Guattari (2007), o/a artista promove, em suas práticas de relação com o outro e com mundo modos, outros de afecção. Suas produções inorgânicas operam diariamente em contextos diversos, como, por exemplo, na cidade: espaço em que a arte é tramada em diferentes cantos, partindo do chão de pedra, passando pela sala de aula, subindo ao palco até chegar no muro de alguma edificação.

Nessa perspectiva, olhando a cidade cartografada pela arte, em específico a arte teatral, é possível compreender que, seja intencionalmente ou não, o teatro e seus efeitos criam fluxos e rizomas na urbe e nas pessoas que a habitam. Esse movimento coletiviza-se, cria pontes e escoamentos, vibra intensidades outras de quem por ali passa, costurando modos de vida cotidianos (ROLNIK, 2006). Nessa busca em compreender a relação do teatro com a cidade, questiono meus interlocutores sobre a relação da companhia de teatro à qual fazem parte com Itajaí, e encontro respostas diversas.

A gente sempre correu atrás da cidade, enquanto a gente estava dentro do pátio da escola, isso era mais perceptível para a gente, essa ideia da cidade. Mas a gente sempre teve projetos que não são apenas nas apresentações, sempre envolveram a comunidade artística, sempre tentando se envolver com o bairro, indo em locais, passando uma semana, duas fazendo um trabalho dentro da biblioteca ou dar aula, conseguir estar nessa ideia de formação de público, formação de identidade nossa, também, era

sempre uma coisa que a gente corria atrás. (Marcelo, artista da Cia Experimentus. Entrevista realizada em 19 de Abril de 2022).

A gente tá lidando com um lugar que fazer teatro para criança numa cidade, sobretudo num país, careta é cada vez mais difícil.. (Daniel Olivetto, artista da Cia Experimentus. Entrevista realizada em 19 de Abril de 2022).

Observa-se no discurso de Marcelo que a escola é mediadora na relação entre teatro e cidade, visto que é justamente ao teatro-escola que tanto ele como Daniel fazem referência. Marcelo aponta que a companhia sempre correu atrás da cidade, evidenciando a escola como espaço significativo do grupo, juntamente aos bairros e outras localidades da urbe. Daniel, por sua vez, aponta as dificuldades enfrentadas por artistas como ele tanto na cidade, como no país, considerados por ele como “caretas”. Necessário se faz lembrar, para compreender seu discurso, que foi proferido nos primeiros meses do último ano de governo de Jair Bolsonaro, marcado por uma luta contra a livre expressão nos contextos da cultura e da educação. Em Santa Catarina, estado com perfil político conservador, essa luta ganhou destaque, respaldada por condutas liberais e conservadoras (CAMPOS; BERNARDES, 2022).

Coelho (2014) afirma que a prática teatral na educação é uma das estratégias de promover e instigar o interesse pela arte, possibilitando desenvolver um olhar crítico e reflexivo para com o mundo. A escola tem um lugar fundamental em toda e qualquer cidade, não apenas como instituição de saber, mas como espaço formador de identidade e cidadania. Sendo assim, o teatro inserido nesse espaço cultiva outros modos de vida e permite à criança e ao adolescente expandirem sua criatividade para além dos muros da instituição escolar. Eis uma possível razão para que tenham sido tão combatidas a cultura e a educação na gestão federal que findou em 2022.

A somar nessa discussão, Valentim expõe que sua relação com a cidade de Itajaí é carregada por afeto, contudo, ao final ressalta que essa modalidade de teatro escolar, em específico na cidade de Itajaí, é difícil.

Difícil de te falar mas o Anchieta e Itajaí vivem grudados, abraçados. Eu falo isso porque quando eu cheguei aqui, em 72, a cidade me abraçou, me beijou, me deu carinho. Então o que eu faço, entendi que é para Itajaí, então eu e Itajaí estamos no mesmo Balaio [...] Ser artista aqui para mim é maravilhoso, mas o teatro-escola aqui em Itajaí é muito difícil de fazer (Valentim, artista fundador do AECA. Entrevista realizada em 02 de Maio de 2022).

Questionado a respeito disso, o artista responde:

Acho que o problema vem da educação, eu vejo assim [...] nem todas as escolas, mas na grande maioria. Principalmente quando o estado não tem empenho de direção de professores com a cultura, até mesmo fazer espetáculo somente para diretores e professores de escola é uma grande dificuldade pela prefeitura. Os professores vão porque o secretário pode ir lá e vai ver quem foi e não foi, não tem aquele empenho natural de fazer cultura, de fazer o melhor pelo país, que as pessoas cresçam, que elas

possam ser participativas futuramente... Que o futuro vai melhorar... mas infelizmente eu sempre digo isso, que no Brasil a educação e a cultura elas crescem igual rabo de cavalo, para baixo. A cada ano que passa (suspiro) eu continuo lutando, mas a coisa cai e aí vai desanimando, vai te desestimulando...é difícil (Valentim, artista fundador do AECA. Entrevista realizada em 02 de Maio de 2022).

Os/as artistas entrevistados/as parecem concordar com Valentim, e relatam suas experiências de teatro em escolas da cidade. Marcelo, artista da Cia Experimentus, comenta que Itajaí já teve o teatro na escola como característica marcante, pois, em função da grande quantidade de artistas que estão no município, essa modalidade teatral proporciona trabalhar profissionalmente. Além disso, o mesmo cita Valentim como precursor do teatro infantil na cidade, além de ser a matriz de oferta dos cursos básicos para iniciantes no teatro. Daniel discorre que o teatro na escola era uma realidade da companhia que perdurou 10 anos, contudo, alguns entraves começaram a afastar as companhias da educação; dentre elas, a Lei nº 16.302, de 20 de dezembro de 2013, que proíbe a venda de rifas e afins para crianças e adolescentes no âmbito escolar, e processos sucateados da Lei de Incentivo à Cultura (LIC). Anteriormente à aprovação da lei, as companhias de teatro, ao realizarem apresentações nas escolas, vendiam rifas com valores simbólicos às crianças e adolescentes que assistiam aos espetáculos. O afastamento do teatro na escola foi um dos efeitos da lei, mantendo as apresentações apenas de companhias que fossem aprovadas pela lei de incentivo do município e tivessem autorização para irem aos pátios escolares.

Se, por um lado, é possível compreender a limitação imposta pela lei a qualquer tipo de comércio em escolas públicas, o que fere o princípio de gratuidade, por outro, se faz necessário problematizar os efeitos negativos dessa lei para que possam ser viabilizadas alternativas que os minimizem. Leis de incentivos são uma possibilidade, mas necessário se faz avaliar seu alcance e limites.

Para além do teatro escolar, os festivais também firmam e consolidam a arte teatral na cidade de Itajaí. Os mesmos, diferente da modalidade citada anteriormente, ainda se mantêm produzindo uma cena artística cultural ativa e singular no município litorâneo. A seguir, exponho a memória de Valentim sobre os festivais quando interrogado sobre a importância deles para a cidade.

Bem, o primeiro festival que teve aqui em Itajaí aconteceu de 7 a 16 de fevereiro, se eu não me engano, ainda não era o Tônico, foi um momento único da cidade para os artistas da cidade de Itajaí; foi único! Por mais importante que tenham sido todas as edições, aquela fica na lembrança de todos que foram. O festival Toni Cunha, que passou a se chamar assim a partir da 2ª edição, é muito importante... por exemplo, eu que tenho o AECA, que é uma escola de teatro, como é importante para os AECAS irem assistir os espetáculos, o que acontece no nordeste, norte, no sul, né [...] Os espetáculos vêm de fora, então é muito importante que isso aconteça na cidade que é de dois em dois anos e que devido a pandemia não teve, mas que agora a gente vai

começar de dois em dois anos novamente. Muita coisa boa, tá todo mundo conversando, todo mundo bate papo, bom, você já pensa tanto no espetáculo, mas na aproximação do povo do teatro que se reúne e conhece o outro e conversa...o que é muito bom, assim, esse movimento que acontece durante o festival. (Valentim, artista fundador do AECA. Entrevista realizada em 02 de Maio de 2022.)

Valentim é testemunha do Festival de Teatro Toni Cunha desde sua primeira edição, ainda quando o nome era “Festival Brasileiro de Teatro”. Em entrevista, o artista, emocionado, ressalta a importância desse movimento na cidade, sobretudo pela possibilidade da vinda de companhias artísticas de outras regiões do Brasil. Por ter uma escola teatral, o evento torna-se valioso ao proporcionar para os alunos outros espaços de aprendizado, experiências com linguagens artísticas distintas e encontros com diferentes culturas dos quatro cantos do país. Assim como Valentim, Marcelo relata que é nessa época dos festivais que a cidade é vista, “é o momento em que a gente conhece a classe artística, mas que a cidade é posta em revista, no sentido de que eu posso ver mais as pessoas, e outras pessoas também podem me conhecer”.

Os festivais Itajaí em Cartaz e Toni Cunha, segundo os entrevistados, proporcionam que diferentes produções teatrais sejam levadas ao palco e ganhem visibilidade. Nessa perspectiva, a relação do teatro com a cidade, efervescente nos festivais, perdura, pois registros são deixados e presentificam-se tanto no corpo do artista, como de quem o assiste.

Valentim discorre que “contar um pouco de mim é contar da minha cidade-corpo”, o que me provoca a pensar que o teatro em Itajaí está diretamente entretido com a história de vida de meus interlocutores. A cidade enquanto corpo e o teatro – os artistas, a arte – enquanto habitante desse lugar; as companhias, o teatro na escola e os festivais de teatro produzem cruzamentos e atravessamentos no tecido da urbe, gerando encontros, partilhas e potência de vida.

## **7 Entre rastros, vestígios e composições: algumas considerações finais**

A pesquisa relatada analisou o modo como artistas integrantes de 3 companhias de teatro da cidade de Itajaí, Santa Catarina, compreendem as relações do teatro com a cidade. Para seu desenvolvimento, fui em busca de artistas teatrais que atuam na urbe, mantendo viva a cultura artística que percorre as ruas até chegar ao palco. Percebi o quanto a cidade está entrelaçada com existência dos interlocutores da pesquisa. Nessa relação intersubjetiva, a cidade e seus espaços de acontecimento de arte são condutores da práxis artística e potencializadores do desejo de construir, alimentar e fomentar a cultura.

As entrevistas realizadas possibilitaram compreender que a cidade constitui o artista, assim como o artista e sua companhia se constroem dialeticamente. Além disso, ficou evidente que cada companhia mantém uma relação singular com a urbe. Valentim, por exemplo, percorre um caminho de prática de ensino, mantendo os CBT's há mais de 30 anos. Já a Experimentus tem um perfil híbrido enquanto prática artística, percorrendo desde o teatro escola até a performance; por fim, a Téspis realiza sua práxis alimentada pelo desejo de resistência e contracultura.

Em suma, a cidade é vista pelos/as artistas como um espaço que possibilita a profissionalização das companhias teatrais e de seus integrantes; espaço de aprendizado e interlocução com questões sociais que estão inflamadas ou adormecidas, as quais são levadas à tona em festivais e outras cenas culturais; espaço de expansão da práxis artística para cantos que não são apenas os institucionalizados como locais culturais, mas a escola e a rua, por exemplo.

A arte enquanto condição de existência se faz presente no cotidiano, está nos pequenos grãozinhos, como diria Vigotski (1999), e se apresenta através de diversos corpos que a tecem na corriqueira vida do dia a dia. Sendo assim, as impressões teatrais encontradas na cidade, no urbano, possibilitam e testemunham experiências de sujeitos que criam para viver, para além do que se vê, do que se toca ou do que se pode simplesmente perceber. Na relação entre nosso corpo com o corpo da cidade, deixemos a anestesia do frenesi de lado para abrir espaço para o devir e, assim, reconhecer a arte que habita a cidade.

## Referências

- ARTAUD, Antonin. **O Teatro e seu Duplo**. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Max Limonad, 1984.
- BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. 3. ed. Rio de Janeiro - São Paulo: Record, 1996.
- CAMPOS, Carmen Hein de; BERNARDES, Márcia Nina. Ideologia de gênero e o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, n. 3, p. 1-13, 2022.
- CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- CENCI, Adriane. O conceito de trabalho em Vygotski: apropriação e desenvolvimento das proposições de Marx/Engels. **Revista Trabalho Necessário**, v. 10, n. 15, p. 1-16, jun. 2018.
- COELHO, Márcia Azevedo. Teatro na escola: uma possibilidade de educação efetiva. **Polêmica**, v. 13, n. 2, p. 1-12, abr. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/10617/8513>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- DELEUZE, Gilles. O ato de criação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 1-15. jun. 1999.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.
- DIÓGENES, Glória; CAMPOS, Ricardo; ECKERT, Cornelia. As cidades e as artes de rua: olhares, linhas, texturas, cores e formas. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 47, n. 1, p. 11-24, jun. 2016.
- ESPINOSA, Baruch. **Ética**. Autêntica, 2009.
- FERREIRA, Taís; HARTMANN, Luciana; MACHADO, Marina Marcondes. Entre Escola e Universidade: dinossauros e caderninhos por uma dramaturgia encarnada. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 7, n. 1, p. 45-70, abr. 2017.
- FUNDAÇÃO CULTURAL DE ITAJAÍ. **Programas e projetos**. Itajaí, 2023. Disponível em: <https://fundacaocultural.itajai.sc.gov.br/>. Acesso em 07 fev. 2023.
- FURTADO, Janaina Rocha; ZANELLA, Andréa Vieira. Artes visuais na cidade: relações estéticas e constituição dos sujeitos. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 309-324, dez. 2007.
- GATTI, Luciano. Experiência da transitoriedade: Walter Benjamin e a modernidade de Baudelaire. **Kriterion: Revista de Filosofia**, v. 50, n. 119, p. 159-178, jun. 2009.
- GONÇALVES, Karoline; NILSON, Afonso. **Teatro em Itajaí: um panorama histórico-afetivo**. Itajaí: Traços & Capturas, 2021.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães. Subjetividade e materialidade: cidade, espaço e trabalho. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21, n. 1, p. 69-85, abr. 2009.

PASQUALOTTO, Mariana Zabot; ZANELLA, Andréa Vieira; FONSECA, Tânia Galli. Se tudo ficasse quieto conseguiríamos escutar o rio?: uma intervenção urbana sobre memórias da cidade. **Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas**, v. 2, n. 38, p. 1-24, set. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAJAÍ. **A cidade**. Itajaí, 2023. Disponível em: <https://itajai.sc.gov.br/c/a-cidade>. Acesso em 07 fev. 2023.

ROCHA, Ana Luíza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: Saberes e Práticas. *In*: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008. p. 1-23.

RODRIGUES, Ana Cabral; BAPTISTA, Luis Antônio dos Santos. Cidades-imagem: afirmações e enfrentamentos às políticas da subjetividade. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 3, p. 422-429, dez. 2010.

ROLNIK, Suely. **Geopolítica da cafetinagem**. São Paulo: PUC, p. 1-13, maio 2006.

SEQUEIRA, Ágata Dourado. **A cidade é o habitat da arte: street art e a construção de espaço público em lisboa**. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/302956138.pdf>. Acesso em: 03 out. 2021.

SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de; DUGNANI, Lilian Aparecida Cruz; REIS, Elaine de Cássia Gonçalves dos. Psicologia da Arte: fundamentos e práticas para uma ação transformadora. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 35, n. 4, p. 375-388, dez. 2018.

SPIGA, Deborah. O instante revolucionário da Jetztzeit. **Aufklärung: journal of philosophy**, v. 8, n. 1, p. 59-74, 13 jun. 2021.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 299-322, ago. 2013.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2004.

ZANELLA, Andréa Vieira. V. **Perguntar, registrar, escrever: inquietações metodológicas**. Porto Alegre/RS: Sulina, 2013.

#### 4 Considerações Finais

Como escrever quando já não existem mais tantas palavras? Defendo a ideia de que o processo de criação ocorre de maneiras singulares. Vigotski (2004, p.55) relata que “a necessidade de criar nem sempre coincide com as possibilidades de criação”, porém, a criação sempre parte de inquietações que geram movimento no sujeito. Dessa forma, a seguir proponho algumas notas e reflexões sobre o que me inquietou durante o processo de criação dessa dissertação e o que ainda pode vir a existir, partindo das marcas, registros e capturas que em mim foram deixadas.

O objetivo geral da pesquisa que compõe essa dissertação de mestrado foi analisar de que modo os grupos de Itajaí/SC vem constituindo o corpo da cidade. Para respondê-lo, bem como aos objetivos específicos, foram desenvolvidos 3 artigos: o primeiro apresenta uma discussão a respeito da cidade de Itajaí e suas políticas culturais; o segundo, as marcas deixadas pelos festivais de teatro na cidade de Itajaí, e o terceiro, uma análise do modo como artistas integrantes de 3 companhias de teatro da cidade de Itajaí compreendem as relações do teatro com a cidade

Noto que arte na cidade de Itajaí se faz presente em diferentes lugares, para além daqueles que são institucionalizados como oficiais: nas paredes de edificações estão colados cartazes dos festivais locais, lambes de manifestações artísticas; monumentos históricos criados por artistas da própria cidade; intervenções e performances realizadas na rua, perto de locais de afirmação da arte. Enfim, são presenças que ocupam a cidade e que captam as pessoas que nela moram, estão de passagem ou apenas visitam. Partindo do entendimento de uma cidade simbólica, cartografada por seus habitantes, composta por uma multitude de vozes e experiências de vida, compreendo a arte como habitante dessa cidade. Uma habitante que se movimenta cotidianamente, deixando rastros e vestígios por onde passa.

A arte que se faz presente nessa cidade-corpo acontece e se coloca na urbe de formas variadas: cursos disponibilizados pela prefeitura, organizados em oficinas abertas ao público, espetáculos produzidos pelas companhias locais e companhias de fora, eventos comemorativos que festejam a arte e a cultura itajaiense, mostras cênicas, audiovisuais, musicais, dentre outras linguagens artísticas que preenchem os 4 cantos da cidade. Não só preenchem, mas reverberam histórias que acabaram sendo emudecidas pelo frenesi da vida cotidiana e pelo descaso com as políticas públicas de acesso à cultura.

Ressalto que essas histórias, como por exemplo, dos festivais de teatro, não só foram emudecidas, como também extraviadas e apagadas. Com as mudanças das gestões municipais,

em especial, das que estão à frente das instituições culturais, muitos documentos oficiais perderam-se com o tempo. A meu ver, isso demonstra desleixo com as políticas públicas culturais do município, pois, além do extravio de muitos documentos, os materiais e registros que ainda resistem ao apagamento e emudecimento histórico, são poucos e de difícil acesso.

Durante a pesquisa, tanto documental, quanto nas entrevistas, pude constatar que são os próprios artistas locais que mais se engajam para a conservação da história artística cultural de Itajaí. A grande maioria dos materiais que compõem essa pesquisa, foram disponibilizados por artistas das companhias itajaienses. *Folders*, cartazes, programações dos festivais, convites de espetáculos locais, celebrações artísticas realizadas no Museu e na Casa da Cultura, fotografias e filmagens das apresentações que, mesmo engavetadas, mantêm-se guardadas com zelo e prestígio. Além dos registros físicos, os *blogs* foram imprescindíveis para o desenvolvimento da pesquisa, pois contêm informações minuciosas sobre a arte local, em específico a arte teatral e os festivais municipais Itajaí em Cartaz e Festival Brasileiro de Teatro Toni Cunha discutidos nesta escrita.

Alguns desses artistas que resguardam a história artística da cidade são os próprios interlocutores desta pesquisa. Nas entrevistas realizadas, conclui que, ao discursarem sobre a história da cidade de Itajaí, estão falando de si e da companhia a qual fazem parte. Ou seja, nesse processo dialético, preservar as políticas culturais artísticas da cidade é também uma autopreservação enquanto artista itajaiense.

Por fim, ressalto que os resultados expostos nesta dissertação foram apenas alguns dos caminhos possíveis que envolvem os conceitos cidade, arte e corpo. Para além dos objetivos específicos apontados nesta escrita, outras perguntas acabaram ecoando, instigando o desejo de ir além. Como, por exemplo: quais são os públicos que assistem aos festivais da cidade? E as demais mostras culturais locais? Quem são as pessoas que participam das oficinas artístico-culturais viabilizadas pelo município? Por entender que essa pesquisa é apenas o início de uma trajetória enquanto pesquisadora no campo da arte, deixo ressoar esses questionamentos para pesquisas futuras.

Por fim, a arte existe, resiste e se faz presente na cidade através daqueles que a defendem e a produzem. Um salve a todas e a todos as/os artistas que ainda acreditam na arte enquanto dispositivo de resistência e de revolução.

## Referências gerais

- BIONDILLO, Rosana. **Walter Benjamin e os caminhos do flâneur**. 2014. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2014.
- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles. O ato de criação. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p. 1-15. jun. 1999.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999a.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999b.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2011.
- OLIVEIRA, Wanderson Kleber de *et al.* Como o Brasil pode deter a COVID-19. **Epidemiol. Serv. Saud**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 1-8, 2020.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, v. 39, n. 1, p. 13-37, jun. 1996.
- PALÚ, Janete; SCHÜTZ, Jenerton Arlan; MAYER, Leandro. **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, v. 324, 2020.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. 3. ed. Rio de Janeiro: 34, 2015.
- SANTOS, Milton *et al.* **Territorio y movimientos sociales**. OSAL, 2005.
- ZANELLA, Andréa Vieira *et al.* Sobre reXistências. **Rev. psicol. polít.** São Paulo, v. 12, n. 24, p. 247-262, ago. 2012.

## **Anexo A – Roteiro de Entrevista**

1. Como vocês iniciaram no teatro e o que o teatro representa para vocês?
2. Como surgiu esse grupo de teatro e há quanto tempo vocês fazem parte dele?
3. Qual a relação entre esse grupo de teatro e a cidade de Itajaí?
4. Como é ser artista teatral em Itajaí?
5. O que vocês entendem por cidade-corpo?
6. Como vocês entendem a relação entre o corpo do grupo teatral ao qual fazem parte com o corpo da cidade?
7. Existe financiamento para a cultura, mais em específico, o teatro na cidade de Itajaí?

## Anexo B – TCLE

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)

Olá!

Gostaríamos de convidá-lo/a para participar desta pesquisa, intitulada “**CIDADE-CORPO: A ARTE TEATRAL QUE O HABITA**”, na condição de participante voluntário/a. Esta pesquisa está associada ao projeto de mestrado de Maria Vitória Schizzi Tiepo, no Programa de Pós graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréa Vieira Zanella. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é para informar sobre os protocolos da pesquisa e os possíveis riscos e benefícios envolvidos, resguardar suas particularidades, bem como explicitar o desenvolvimento dessa investigação. A presente pesquisa procura Analisar de que modo os grupos de teatro de Itajaí/SC vem constituindo o corpo da cidade, bem como cartografar os grupos teatrais sediados em Itajaí/SC com efetiva participação nos festivais de teatro da cidade; analisar o modo como artistas integrantes desses grupos teatrais profissionais de Itajaí se relacionam com a cidade e compreender de que modo se afetam e entrecem o corpo da cidade e o corpo dos grupos teatrais com efetiva participação nos festivais de teatro municipais.

Os procedimentos que serão utilizados nesta pesquisa seguem o método da cartografia, o qual busca compreender a pesquisa como um caminho a ser explorado junto aos interlocutores. Sendo assim, a sua forma de participação será através de entrevistas com algumas perguntas norteadoras sobre 3 grandes eixos: cidade, corpo e teatro. Ressalta-se que as perguntas serão lançadas e, ao passo em que você se sinta à vontade em respondê-las, esperamos que se sinta livre para falar de modo geral sobre o tema da pesquisa, enfatizando que não existe resposta “certa” ou “errada”. A princípio a entrevista irá acontecer em um encontro tendo duração de, em média, 2 horas. A entrevista será realizado em grupo, e, se possível, o local de realização da entrevista será na sede do grupo ao qual você pertence, junto aos demais colegas artistas convidados para a pesquisa. Eu irei ao espaço com data e horário marcado, respeitando o tempo, cronograma e disponibilidade do seu grupo para o encontro. Junto à entrevista estarei com equipamentos audiovisuais para a gravação dos nossos diálogos, tendo como intuito, *à posteriori*, realizar um documentário sobre essa pesquisa.

A seguir, solicitamos que tenha especial atenção nos pontos que serão apresentados:

- Sua participação na pesquisa ocorre com caráter voluntário e não lhe será concedida nenhuma forma de compensação financeira (pagamento ou bens materiais). Você poderá interromper a entrevista e/ou sua participação no momento que desejar, sem que lhe cause qualquer dano. O acesso às informações coletadas diretamente com você e aos resultados gerais obtidos no estudo é de seu direito.
- Todas as folhas do TCLE precisam ser rubricadas, assim como é necessário a assinatura no local indicado ao final do TCLE. Uma cópia do termo ficará em suas mãos, pois nela haverá informações para contato, caso surja alguma dúvida posterior à pesquisa ou a sua participação, ou caso você deseje acompanhar o andamento da pesquisa. A outra cópia do termo ficará no resguardo da pesquisadora principal, ou seja, o TCLE será elaborado em duas vias e você receberá uma assinada.
- Sua participação na pesquisa irá ocorrer de modo presencial, sendo necessário manter todos os cuidados de saúde segundo protocolo de segurança contra a COVID-19. Os horários, data e local serão marcados de acordo com a disponibilidade de agenda de ambos, sem prejuízo às demais atividades. Você não terá nenhuma despesa ou custo ao participar da pesquisa ou do que seja advinda dela e, caso alguma despesa extraordinária associada à pesquisa venha a ocorrer, esta será coberta com recursos das despesas previstas no projeto, entrando em contato com a pesquisadora principal. No caso de algum eventual dano material ou decorrente da pesquisa você também poderá solicitar a indenização conforme a legislação vigente.
- Como um dos intuitos desta pesquisa é, *à posteriori*, ser material de um documentário, sua imagem, bem como falas, irão ser registradas e utilizadas para fins científicos e de estudo. Sendo assim, o sigilo de sua identidade, se assim o desejar, será mantido e garantido pela pesquisadora. Contudo, ainda assim, é preciso considerar que, apesar de todos os esforços, o sigilo pode, eventualmente, ser quebrado de maneira involuntária e não intencional. A opção pela manutenção do sigilo, com indicação ou não de um pseudônimo; bem como o não aparecimento nas filmagens, deverá ser assinalada abaixo, em campo específico. Essa decisão poderá ser tomada e/ou alterada a qualquer momento pelo participante, até o momento de publicação da dissertação, sem quaisquer prejuízos à sua participação na pesquisa, mediante comunicação a um dos pesquisadores. Sua escolha será respeitada e seguida pelas pesquisadoras que procederão resguardando sua identidade, caso seja essa sua escolha, em todas as informações produzidas, sendo que em nenhum momento, nem em materiais publicados ou na

apresentação oral desta pesquisa, ela será revelada. Caso opte pela identificação, seu nome e sua imagem serão informados nos textos que serão produzidos para a composição da dissertação e nas gravações

- A pesquisa pode produzir algum desconforto, especialmente emocional, visto que trataremos de lembranças de seus momentos vividos e projeções para o futuro. Caso haja algum desconforto que impossibilite a continuidade da entrevista, a mesma poderá ser interrompida temporária ou permanentemente. Você também poderá optar por continuar a pesquisa, sem abordar os temas que considere de difícil acesso. A entrevistadora, formada e atuante na área de Psicologia, também se compromete a acolher os possíveis desconfortos gerados e realizar os devidos encaminhamentos a sistemas de saúde, quando necessário.
- Um benefício para os/as participantes da pesquisa é a possibilidade de relatar as experiências quanto artistas de Itajaí, rememorando experiências afetivas, além de estarem auxiliando na produção de conteúdos e estudos relacionados ao teatro itajaense. Os dados produzidos na pesquisa serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, científicos e para a execução posterior de um documentário. Comporão esses dados: as transcrições das entrevistas que serão realizadas durante os encontros com a pesquisadora, as anotações feitas pela pesquisadora em seus diários de campo e as gravações em áudio e vídeo das entrevistas.

A presente pesquisa está pautada na Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e complementares, tendo a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CRPSH/UFSC), sendo possível tal confirmação junto ao CEPESH/UFSC pelo endereço indicado ao final do TCLE. O CEPESH/UFSC é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. A pesquisadora responsável por esta pesquisa, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréa Vieira Zanella e a pesquisadora principal, a mestrande Maria Vitória Schizzi Tiepo, que também assinam este documento, comprometem-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconizam as Resoluções CNS 466/12 e 510/16, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.

Eu, \_\_\_\_\_, li este documento e obtive das pesquisadoras todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecida(o) e optar por livre e espontânea vontade participar da pesquisa. Sei que minha

participação é voluntária e a qualquer momento poderei solicitar novas informações ou retirar meu consentimento, se assim o desejar, assim como a qualquer momento poderei alterar minhas opções assinaladas abaixo mediante comunicação de meu desejo as pesquisadoras, até a data de publicação da dissertação e divulgação do documentário. As pesquisadoras certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais, caso essa seja minha opção expressa no campo abaixo, e me forneceram uma cópia do termo de consentimento livre e esclarecido, contendo as informações de contatos e de meus direitos ao participar desta pesquisa.

1. Autorizo a utilização das informações cedidas por mim no âmbito desta pesquisa às pesquisadoras Maria Vitória Schizzi Tiepo e Andréa Vieira Zanella, cedendo a elas totalmente o conteúdo das entrevistas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

Sim

Não

2. Autorizo que utilizem minha imagem (gravações em áudio, vídeo e fotografias), assim como o conteúdo das entrevistas para a criação de um documentário sobre o corpo teatral de Itajaí.

Sim

Não

3. Indico abaixo minha opção referente ao sigilo ou não de minha identidade:

Opto pelo sigilo de minha identidade. Pseudônimo a ser adotado para identificar o conteúdo das minhas entrevistas:

---



---



---

Opto por minha identificação em trabalhos acadêmicos, científicos e no documentário a serem produzidos pelas pesquisadoras, pois compreendo que minha identificação enquanto participante da pesquisa não me trará nenhum constrangimento ou dano, tendo em vista os objetivos do estudo e sua proposta de produção de conhecimento.

4. Quaisquer mudanças quanto à opção pelo sigilo ou identificação do participante, ou quanto à cessão de direitos patrimoniais autorais para fins acadêmicos, científicos e

sobre o documentário será registrada nesse campo, com rubrica do participante e pesquisadores:

---



---



---



---



---

Local e data:

Nome completo (Participante): \_\_\_\_\_

Assinatura (Participante): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura pesquisadora principal  
(Maria Vitória Schizzi Tiepo)

\_\_\_\_\_  
Assinatura pesquisadora responsável  
(Andréa Vieira Zanella)

### **Endereços para contato:**

Pesquisadora Maria Vitória Schizzi Tiepo

Endereço: Departamento de Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário, Trindade, Florianópolis/SC, CEP:88040-970.

E-mail: [mariatiepoposico@gmail.com](mailto:mariatiepoposico@gmail.com) / Telefone: (49) 9 9970 0053

Prof.<sup>a</sup> Dra. Andréa Vieira Zanella - orientadora

Endereço: Departamento de Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário, Trindade, Florianópolis/SC, CEP:88040-970.

E-mail: [azanella@cfh.ufsc.br](mailto:azanella@cfh.ufsc.br) / Telefone: (48) 3331-8566

### **Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos/UFSC**

Endereço: Prédio Reitoria II, Rua Desembargador Vitor Lima, 222, sala 401, Trindade, Florianópolis/SC, CEP: 88040-400

E-mail: [cep.propesq@contato.ufsc.br](mailto:cep.propesq@contato.ufsc.br) / Telefone: (48) 3721-6094

## ANEXO C – Mapeamento dos grupos de teatro de Itajaí/SC

Nº	Nome	Ano fundação/Tempo na cidade	Edições Itajaí em cartaz	Edições Toni Cunha	Permanece na cidade?
1	Atuar Produções Teatrais	2017/ 5 anos	0	0	SIM
2	Cia Experimentus Teatrais	1999/ 23 anos	I, II,III, IV, V, VI, VII, VIII.	2,3,5 e 6.	SIM
3	Cia Mútua Teatro de Animação	1993/ 29 anos	III; IV; VI; VII; VIII; IX e X.	2 e 3.	SIM
4	Cia Os Mequetrefes	2017/ 5 anos	0	0	SIM
5	Coletivo Intrépidos	2014/ 8 anos	0	0	SIM
6	Eranos Círculo de Arte	2010/12 anos	0	3,4,5 e 6.	SIM
7	Grupo Porto Cênico	2004/18 anos	I, II,III, IV, V, VI, VII, VIII.	2,5 e 6.	SIM
8	Grupo Risco de Teatro	2013/ 9 anos	IX e X.	4 e 5.	SIM
9	Karma Coletivo de Artes Cênicas	2013/ 9 anos	VIII, IX e X.	3, 5 e 6.	SIM
10	Ospália - Coletivo de Pesquisa em Palhaçaria	2010/ 12 anos	IX.	2.	SIM
11	Bagagem Cênica	1985/37 anos	III, IV,V, VI, VII, IX e X.	4.	SIM
12	Produtora Anchieta Arte Cênica	1984/ 38 anos	IV, V, VI, VII, VIII, IX e X.	2.	SIM

13	Téspis Cia de Teatro	1993/ 29 anos	0	3,4,5,6 e 7.	SIM
14	Cálice Expressão de Arte/ Ilustríssimos Senhores	2004	IV, V, VI, VII e VIII.	2.	NÃO
15	Cia Andante	2005	IV, V, VI, VII, VIII, IX, X.	2.	NÃO
16	Cia manipuladora de formas Etc I Tal	1999	0	2 e 3.	NÃO
17	Coletivo Sem Título	2013	VIII, IX e X.	0	NÃO
18	Grupo Acontecendo Por Aí	1990	IV, V e VI.	0	NÃO
19	Sua Cia de Teatro	2008	IV, V, VI, VII, VIII, IX, X.	2 e 4.	NÃO



**ANEXO E – Participação dos grupos de teatro de Itajaí no Festival Toni Cunha**

<b>Companhia</b>	<b>2007</b>	<b>2011</b>	<b>2013</b>	<b>2015</b>	<b>2017</b>	<b>2019</b>	<b>Total</b>
Atuar Produções Teatrais							
Cia Experimentus Teatrais		X	X		X	X	<b>4</b>
Cia Mútua Teatro de Animação		x	x				<b>2</b>
Cia Os Mequetrefes							
Coletivo Intrépidos							
Eranos Círculo de Arte			x	x	x	x	<b>4</b>
Grupo Porto Cênico		x			x	x	<b>3</b>
Grupo Risco de Teatro				x	x		<b>2</b>
Karma Coletivo de Artes Cênicas				x	x	x	<b>3</b>
Ospália - Coletivo de Pesquisa em Palhaçaria		x					<b>1</b>
Bagagem Cênica				x			<b>1</b>
Produtora Anchieta Arte Cênica		x					<b>1</b>
Téspis Cia de Teatro			x	x	x	x	<b>4</b>